



Bruna Domingos Pereira

**Favela não é tudo igual:
definindo a categoria de estudo “favelas
suburbanas” através da história e vivência da
Favela do Jacarezinho**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social, do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Rafael Soares Gonçalves

Rio de Janeiro
outubro de 2024



Bruna Domingos Pereira

**Favela não é tudo igual:
definindo a categoria de estudo “favelas
suburbanas” através da história e vivência da
Favela do Jacarezinho**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Serviço Social da PUC-Rio. Aprovada pela
Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Rafael Soares Gonçalves

Orientador

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Profa. Andreia Clapp Salvador

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Prof. Mauro Amoroso

UERJ

Rio de Janeiro, 04 de outubro de 2024

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Bruna Domingos Pereira

Graduou-se em História na Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) em 2017. Cursou Especialização em Assistência Social e Direitos Humanos na CCE/ PUC-Rio em 2019. É pesquisadora do LEUS (Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais) com ênfase em Políticas de Habitação, Direito à Cidade, Periferias e Assistência Social.

Ficha Catalográfica

Pereira, Bruna Domingos

Favela não é tudo igual: definindo a categoria de estudo “favelas suburbanas” através da história e vivência da Favela do Jacarezinho/ Bruna Domingos Pereira; orientador: Rafael Soares Gonçalves. – 2024.

81 f.: il. color; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Serviço Social – Teses. 2. Favela. 3. Subúrbio. 4. Jacarezinho. 5. Rio de Janeiro. I. Gonçalves, Rafael Soares. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. III. Título.

CDD: 361

Agradecimentos

Aos meus pais, por terem sempre desejado e me ensinado em vida que o maior capital que eu poderia ter, era o conhecimento. Em especial a minha mãe Ledy Domingos, que mesmo sem entender minhas pesquisas e trabalhos acadêmicos, foi a minha maior fã e admiradora, não importasse o que fizesse. Espero que esse trabalho seja mais um motivo de orgulho a você, da onde você estiver.

A minha irmã, Ludmilla e meu sobrinho Guilherme, por serem para além da minha família, são parte do meu lar.

A meu orientador Rafael Soares Gonçalves, por ter mudado minha relação com a academia, através da sua postura respeitosa, generosa e humana para com seus alunos.

Ao meu colega de Leus, e professor Daniel Albuquerque Rocha, pois sem seu incentivo e apoio, eu não teria me inscrito no processo seletivo em 2021. Muito obrigada por ter visto um potencial em mim o qual eu não conseguia enxergar, e muito obrigado por continuar me enxergando desta forma.

Aos meus colegas de mestrado que ingressaram em 2022.1, mesmo remotamente num primeiro momento, sempre demonstraram apoio e união. Em especial minhas queridas Alcione e Érica. Vocês são mulheres incríveis, e me espelho muito nas suas trajetórias enquanto mulheres, mães e profissionais.

Aos meus colegas de Leus, por me receberem de braços abertos, e sempre serem esse ponto de acolhimento dentro de um ambiente acadêmico tão distante das minhas vivências suburbanas. Ter um grupo tão diverso e que ainda assim entende minha realidade fez toda a diferença nesse processo.

A todos os funcionários do Departamento de Serviço Social da Puc Rio, por sempre nos ajudarem e, especial a Joana, que nos trata de forma tão acolhedora.

A toda a equipe de professores do Departamento de Serviço Social da Puc Rio, vocês me apresentaram todas as possibilidades que o Serviço Social pode me trazer e me trará, desde as aulas no CCE, e isso definitivamente mudou minha vida. As trocas em sala de aula sempre demonstraram que a relação de aprendizado não é uma via de mão única, o que me fez sentir muito respeitada e reconhecida, muito obrigada por isso.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A minha primeira família fora de casa, 0 304, por sempre me apoiarem. Em especial a Mari e Henri, que acompanharam de perto meu primeiro ano de mestrado. Sem o apoio emocional e o lar que vocês me proporcionaram, em um momento tão delicado que eu vivia, eu não teria condições de chegar até a conclusão deste trabalho.

E por fim, aos meus amigos Pedro, Juliana e Oleg, por sempre me apoiarem e se interessarem genuinamente naquilo que me faz feliz, não importando o que seja. Eu sou muito grata por ter vocês na minha vida.

Resumo

Pereira, Bruna Domingos; Gonçalves, Rafael Soares. **Favela não é tudo igual: definindo a categoria de estudo “favelas suburbanas” através da história e vivência da Favela do Jacarezinho.** Rio de Janeiro, 2024. 81p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As favelas, anteriormente vistas como símbolos de desordem, tornaram-se elementos essenciais da cidade, representando a dualidade entre formal e informal, ordem e desordem. A pesquisa destaca que a experiência de morar em uma favela é complexa e diversa, contestando estereótipos simplistas. Com o objetivo de compreender a heterogeneidade de vivências no espaço urbano carioca, esta dissertação busca definir a categoria de estudo 'favela suburbana', a partir da experiência do caso do Jacarezinho. Neste estudo de caso, busca-se entender a identidade do favelado sob uma perspectiva que engloba as especificidades de uma favela suburbana, considerando sua localização e história. O estudo contextualiza a formação das favelas, a suburbanização e a dicotomia centro-periferia no contexto do Rio de Janeiro, concluindo que o Jacarezinho exemplifica essa categoria devido às suas características socioespaciais.

Palavras-chave

Favela; subúrbio; Jacarezinho; Rio de Janeiro.

Abstract

Pereira, Bruna Domingos; Gonçalves, Rafael Soares (Advisor). **Every Favela is Unique: Defining the Study Category 'Suburban Favelas' Through the History and Experience of the Jacarezinho Favela.** Rio de Janeiro, 2024. 81p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Favelas, once seen as symbols of disorder, have become essential elements of the city, representing the duality between formal and informal, order and disorder. This research highlights that the experience of living in a favela is complex and diverse, challenging simplistic stereotypes. The urban space is where strategies confront each other, and this dissertation proposes to understand the identity of favela residents from the perspective of the suburban favela, focusing on the case of Jacarezinho. The study contextualizes the formation of favelas, suburbanization, and the center-periphery dichotomy concerning the specificities of the city of Rio de Janeiro, concluding that Jacarezinho exemplifies the category of suburban favela due to its location and history.

Keywords

Favela; Suburban; Jacarezinho; Rio de Janeiro.

Sumário

1. Introdução	10
2. O que é favela? Definição de favela e suas representações já existentes	16
2.1. Um pouco de História	17
2.2. O debate atual entre favela x asfalto	22
2.3. Favela como a conhecemos hoje	24
3. O debate sobre o subúrbio	28
3.1. Dialogando com alguns conceitos: Subúrbio e Periferia	30
3.2. O subúrbio no contexto carioca	35
4. Jacarezinho: uma favela suburbana?	41
4.1. Um pouco de sua história	41
4.2. O que é uma favela suburbana?	52
4.3 Jacarezinho: favela e subúrbio	56
5. Conclusão	64
6. Referências Bibliográficas	72
7. Anexos	75
7.1. Primeira mensagem do Prefeito Prado Júnior, onde cita as favelas, ao jornal “O Paiz”	75
7.2. Gráficos Relatório LabJaca Cidade Integrada	76
7.3. Dados demográficos dos moradores do Jacarezinho, entrevistas de maio a junho de 2024	78
8. Apêndices	81
8.1. Roteiro para entrevistas	81

Lista de figuras

Figura 1- "Morro da Favela", Tarsila do Amaral 1924	20
Figura 2 - Mapa do Complexo do Jacarezinho	42

Abreviaturas e siglas

COMLURB - Companhia Municipal de Limpeza Urbana

DOI CODI - Departamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna

EDI - Espaço de Desenvolvimento Infantil

Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização

MR8 - Movimento Revolucionário 8 de Outubro

PDT - Partido Democrático Trabalhista

PT - Partido dos Trabalhadores

UPA - Unidade de Pronto Atendimento

UPP - Unidade de Polícia Pacificadora

1. Introdução

A pesquisa sobre favelas no contexto da cidade do Rio de Janeiro é atualmente um campo de estudo consolidado e amplo, com raízes nos estudos urbanos. Além de ser um indicador da desigualdade social e da segregação urbana na formação do tecido urbano, a imagem da favela gradualmente substituiu a dos cortiços como símbolo da desordem da cidade e da representação das classes perigosas no imaginário social (Oliveira, 2021). As favelas são elementos essenciais para se compreender a cidade do Rio de Janeiro e acompanharam a expansão da estrutura urbana, tornando-se parte integral da paisagem carioca. É impossível pensar nas ideias que definem a cidade sem mencionar as favelas, uma vez que sua existência se baseia numa dualidade fundada no antagonismo entre favela e asfalto, que remete a conceitos de formal e informal, ordem e desordem, elite e popular, favela e asfalto, entre outros. A representação das favelas como centros de marginalidade urbana se disseminou rapidamente, servindo como justificativa para a construção de uma retórica institucional em torno delas, centrada em noções de patologia urbana e de classes perigosas e adotando uma precariedade de políticas públicas voltadas para a habitação (Gonçalves, 2013). Ao longo da história da cidade, sempre houve relatos de que as favelas deveriam ser erradicadas, removidas ou pacificadas.

No entanto, durante o processo de elaboração deste trabalho, constatou-se que, apesar das muitas discussões sobre o tema, a experiência de morar em uma favela é frequentemente retratada de forma simplista, reduzida a estereótipos de escassez, pobreza e violência. Ademais, a ideia que se construiu

sobre o que é ser favelado é perpetuada em torno do imaginário comum das favelas localizadas nas áreas centro-sul da cidade do Rio de Janeiro, com suas características verticais predominantes, a ocupação de áreas de morros e sua forma diferente de acessar os recursos que a cidade oferece, entre outras distinções. É crucial reconhecer que as favelas não são todas iguais, e não há uma única maneira de ser favelado. Embora a representação social das favelas associe sistematicamente seus moradores a um padrão de marginalização, a vivência em uma favela está repleta de símbolos e diversidade.

De acordo com Lefebvre (2001), o fenômeno urbano não é apenas uma projeção das relações sociais, mas também o lugar onde estratégias se confrontam. Nesse sentido, este trabalho propõe uma abordagem que visa construir o conceito de ser favelado a partir da perspectiva e das interações que permeiam a identidade do que denominamos como favela suburbana. Isso envolve compreender sua existência em um contexto marcado por uma dupla segregação, tanto por ser uma favela quanto por estar localizada no subúrbio, considerando as interconexões presentes no contexto específico do conceito de subúrbio carioca, com enfoque no estudo de caso da favela do Jacarezinho.

Para compreender as origens e a contextualização do objeto deste estudo, é necessário retroceder brevemente ao cerne do processo de formação das favelas na cidade do Rio de Janeiro. Em seguida, abordamos o processo de adensamento populacional das áreas centrais e mais acessíveis à população empobrecida, que, somado à instalação da linha férrea Dom Pedro II, acaba por transferir parte do deslocamento habitacional em direção às freguesias rurais mais próximas, dando início ao processo de urbanização da cidade. Por conseguinte, abordamos a consolidação da dicotomia núcleo-periferia, onde sua gênese se encontra na ampliação dos bondes e trens, somada à conjuntura de reformas urbanas sucessivas das primeiras décadas do século XX. Assim, estes meios de transporte viabilizaram o crescimento da cidade, consolidando a separação entre subúrbio e área central da cidade.

Após apresentar o início da ocupação do subúrbio, detalhamos como o processo de suburbanização se consolida na construção do simbolismo em torno do subúrbio carioca e seus possíveis significados, e de que forma seu significado

acabou atrelado às palavras “trem”, pobreza” e “indústria”. Este trinômio, por sua vez, se associou a um modo de vida que representava valores distintos de uma metrópole cosmopolita, pretensamente eurocêntrica e moderna, representada pelas áreas centrais. Direccionamos, posteriormente, o foco ao nosso campo de estudo, a favela do Jacarezinho, com sua fundação instituída no bairro do Jacaré pela instalação de fábricas já a partir dos anos 1910 com o deslocamento paulatino dos postos de trabalho industrial para fora do eixo dos bairros centrais. Desenvolvendo, assim, nos subúrbios, um modelo estruturado principalmente a partir dos interesses do capital, que incentiva a instalação das favelas nestes bairros, em especial à partir de meados da década de 1940, como consequência do adensamento de indústrias no local, consolidando o Jacarezinho como fonte de mão de obra fabril e como uma das maiores favelas do Brasil já na década seguinte. Por fim, questionamos a possibilidade de utilizar a expressão favela suburbana, fundamentando como o Jacarezinho se enquadra nesta definição.

Nossas principais hipóteses se pautam nas seguintes ideias: A vivência de uma favela suburbana difere da experiência vivida, por exemplo, de uma favela da zona sul e central da cidade, implicando na construção da sobreposição de identidades deste morador, já que tanto na esfera simbólica quanto nas implicações materiais da vida diária, a localização da favela pode significar acesso desigual a recursos e serviços urbanos que a cidade disponibiliza.

Os moradores de favelas situadas no subúrbio compartilham o cotidiano próprio desse espaço da cidade, mas as representações impostas às favelas e seus moradores são tão fortes, e frequentemente negativas, que acabam invisibilizando outras identidades urbanas. Os favelados frequentemente não se identificam como suburbanos, assim como moradores do “asfalto” do subúrbio não os reconhecem enquanto suburbanos. A Favela do Jacarezinho representaria concretamente a noção de favela suburbana por ter passado pelo mesmo processo de mutação das formas de compreender o subúrbio carioca. Alçada como favela operária nos anos 1940, com o boom industrial na zona dos subúrbios da Leopoldina e da Central do Brasil, o Jacarezinho é retratado como fonte de mão de obra para o polo industrial da região ao menos até meados da década de 1970. O esvaziamento econômico da região e o aumento da violência

impactaram as formas de representação do subúrbio, assim como da favela do Jacarezinho.

A motivação para o desenvolvimento do presente trabalho tem início nas minhas lembranças de infância. Cresci na Ilha do Governador, e a casa dos meus pais ainda se encontra no mesmo local: uma das entradas de uma favela conhecida como Boogie Woogie. Sempre me inquietou o fato de presenciar durante toda minha infância a presença estatal nesta comunidade apenas através da violência, entretanto devido minha casa se localizar nos limites entre o “asfalto” e a favela, minhas experiências, acessos e privilégios eram absolutamente desiguais em comparação aos meus colegas que residiam a poucos metros de mim. Quando eu falava meu endereço para meus colegas de escola, o tratamento era diferenciado ao dado aos colegas que moravam apenas do lado oposto da rua ao meu. Entretanto, nas ações policiais, minha casa era tão atingida quanto a dos meus colegas que residiam do outro lado dessa linha invisível. Essa diferença de acessos e tratamento devido à minha localização em um mesmo bairro sempre me chamou a atenção. Assim como enxergo a diferença nas associações e crenças que construímos em relação às favelas a depender de sua localização dentro da mesma cidade.

Muitos trabalhos sobre favelas da cidade do Rio de Janeiro já foram produzidos, entretanto, há uma concentração desses trabalhos em torno de favelas que já tem um foco maior em suas problemáticas. Podemos perceber que as favelas localizadas nas zonas nobres da cidade foram até o momento as mais estudadas, devido ao contraste produzido dentro um espaço elitizado, coexistindo modos de vida tão distintos. Devido a isso, acredito na importância de direcionar o enfoque acadêmico a favelas situadas em outros bairros da cidade. Definir e especificar a experiência das favelas suburbanas é importante para demonstrar a heterogeneidade desse universo. Da mesma forma, estudar as favelas localizadas nos subúrbios, com suas especificidades, permite dar maior visibilidade à realidade desses espaços para construir políticas mais específicas para essas realidades.

Podemos elencar dentre os objetivos que esta pesquisa intenciona alcançar, a compreensão da heterogeneidade de vivências no espaço urbano

carioca, a partir da conceituação sobre a favela suburbana, baseado no estudo de caso da favela do Jacarezinho. Pretende-se, ainda, contextualizar o surgimento da Favela do Jacarezinho nas condições históricas, políticas e socioeconômicas específicas, que levaram à sua formação como uma favela suburbana. Almeja-se igualmente fundamentar como os efeitos da segregação socioespacial da cidade direcionados ao subúrbio e as favelas impactam no cotidiano dos moradores das favelas suburbanas de forma diferente dos moradores de favelas em áreas mais centrais da cidade. A partir dos conceitos de subúrbio carioca e favela, busca-se, por fim, compreender se os moradores do Jacarezinho se definem pelo lugar em que moram, e como isso tem influência na construção de identidades e representações relacionadas às favelas suburbanas.

No que concerne aos procedimentos de pesquisa, foi feita a revisão bibliográfica abrangendo obras que abordam as ideias e elementos essenciais relacionados aos seguintes temas: o processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro e o surgimento das favelas; a segregação espacial e o desenvolvimento do subúrbio carioca e o surgimento e evolução da Favela do Jacarezinho.

Como estudo de caso, estabeleceu-se uma linha temporal para contextualizar o surgimento da Favela do Jacarezinho. Essa cronologia serviu como base para as reflexões sobre a dupla opressão enfrentada pela população local, tanto em relação à sua condição de favela quanto à sua localização suburbana. Além disso, foram realizadas entrevistas com moradores locais, o total de 11 voluntários, através de um formulário online compartilhado pelas redes sociais, com algumas perguntas respondidas de forma descritiva, e com dados demográficos — que serão anexados à pesquisa — visando investigar qual o impacto na percepção dos moradores e a sua construção identitária quanto ao fato de serem moradores de uma favela suburbana.

Este método foi escolhido devido ao difícil acesso ao território, principalmente pela grande quantidade de operações policiais em curso no período em que se deu a construção desta pesquisa. Desde o fim do último ano,

como relata a matéria publicada na página do veículo Agência Pública¹, as operações policiais têm sido frequentes. Como descrito na reportagem, a favela passou por 25 dias consecutivos de operações policiais, somente entre o período de dezembro de 2023 a janeiro de 2024, o que além de impactar no cotidiano dos seus moradores e do território, traz consequências sociais, emocionais, que acabaram por impedir a participação dos voluntários nesta pesquisa. Motivados seja pelo medo de exporem sua opinião, ou por ter de lidar com os entraves que tais ocorrências ocasionam em suas vidas, muitos voluntários desistiram da sua participação neste trabalho. Apenas uma entrevista foi feita de forma presencial, no território pesquisado, com o ativista social e representante comunitário Rumba Gabriel, em novembro de 2023. E este trabalho também contou com a curadoria feita por uma das voluntárias entrevistadas através do questionário, Diana Anastácia, sobre as iniciativas culturais e potências do Jacarezinho.

Podemos tomar as reflexões de Souza (2013) quanto ao território favelado, para a identificação da categoria de estudo “favela suburbana” por meio da história oral dos seus moradores, quando o autor defende que:

O território não é apenas um lugar físico que se habita. É uma experiência de comunicação entre sujeitos sociais. E, em se tratando de espaços populares, por mais precária que se nos apresente a sua forma-aparência, não podemos desconsiderar as vivências compartilhadas pelo grupo social, que os animam com suas histórias e, por meio destas, possibilitam que os indivíduos e grupos sociais se posicionem no mundo.

Assim, o objetivo principal da presente dissertação é instituir a categoria de estudo favela suburbana, explorando as narrativas e perspectivas dos moradores como fonte primária, a fim de compreender as características distintas desses assentamentos urbanos em relação a outras formas de ocupação do espaço, em comparação com a história e literatura vigente sobre a experiência de outras favelas da cidade do Rio de Janeiro.

¹ <https://apublica.org/2024/01/sem-fogos-so-tiro-moradores-do-jacarezinho-denunciam-violencia-policial-desde-o-ano-novo/> acesso em 7/9/2024 as 11h00

2. O que é favela? Definição de favela e suas representações já existentes

Apesar das definições negativas das favelas, o Observatório de Favelas² considera que:

A favela é um território constituinte da cidade, caracterizada, em parte ou em sua totalidade, pelas seguintes referências; Insuficiência histórica de investimentos do Estado e do mercado formal, principalmente o imobiliário, financeiro e de serviços; Forte estigmatização sócio espacial, inferida por moradores de outras áreas da cidade; Edificação predominantemente caracterizada pela autoconstrução, que não se orientam pelos parâmetros definidos pelo Estado; Apropriação social do território com uso predominante para fins de moradia; Indicadores educacionais, econômicos e ambientais abaixo da média; níveis elevados de subemprego e informalidade nas relações de trabalho; Taxa de densidade demográfica acima da média do conjunto da cidade; Ocupação de sítios urbanos marcados por um alto grau de vulnerabilidade ambiental; Alta concentração de negros (pardos e pretos) e descendentes de indígenas, de acordo com a região brasileira; Grau de soberania por parte do Estado inferior à média do conjunto da cidade; Alta incidência de situações de violência, sobretudo a letal, acima da média da cidade; Relações de vizinhança marcadas por intensa sociabilidade, com forte valorização dos espaços comuns como lugar de convivência.

As representações sobre as favelas e seus moradores se baseiam historicamente no entendimento do não pertencimento da população favelada à cidade, como se este espaço fosse um corpo não integrante do espaço urbano. Essas representações têm fundamento no projeto de remodelação da cidade do Rio, tomado por uma visão higienista e racista. Tal processo foi pensado não somente como um instrumento político de consolidação e reprodução da disparidade social, cada vez mais latente no contexto histórico de formação na cidade carioca, como também acabou se tornando um reflexo desta desigualdade (Gonçalves, 2013, p.25).

De acordo com Brum (2016), o uso do termo favela se iniciou a partir do ano de 1897 para designar um espaço específico, o Morro da Favela, atualmente Morro da Providência. A partir dos anos 1920, esse termo passou a designar uma forma de habitação específica, que se espalhava por outros morros da cidade com características semelhantes ao então Morro da Favela. Assim, construções similares passaram a ser chamadas também de favela, que assim

² Disponível em <http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/09/o-que-%C3%A9-favela-afinal.pdf> acesso em 2/06/2023 as 09:57 hrs

deixou de identificar uma localidade específica para designar um espaço urbano específico, inicialmente associado aos morros da cidade.

2.1. Um pouco de História

Pode-se considerar, de acordo com Maurício de Abreu (1987, p. 44), que o surgimento das favelas foi motivado pelo adensamento das freguesias centrais da cidade do Rio de Janeiro a partir da segunda metade do século XIX. A população livre, e ainda sob o regime escravista, tinha a necessidade de uma moradia acessível e próxima ao mercado de trabalho. Na freguesia de Santana, por exemplo, onde predominavam as atividades manufatureiras, também se concentravam os cortiços, que eram, até então, a principal solução para uma habitação barata, mas extremamente insalubre e sempre associada às epidemias da época, como a febre-amarela.

A favela é resultado em parte do contexto histórico gerado pela extinção dos cortiços, somada à necessidade de se começar uma vida urbana em uma cidade deficiente de habitações a preços acessíveis. Os cortiços, por sua vez, são parcialmente fruto dos resultados da abolição da escravidão e da crise da produção cafeeira, que geraram um êxodo dos campos e um aumento exponencial da população urbana na então capital do país. Houve um aumento populacional de 90% na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1872 e 1890, onde cerca de 20% dessa população (em torno de 100 mil pessoas) viviam em cortiços e casas de cômodos (Gonçalves, 2013).

A história das favelas no Rio de Janeiro está intrinsecamente ligada ao mito fundador originado em Canudos. Segundo Lícia Valladares, "Canudos desempenhou um papel importante na construção de um mito fundador das favelas" (apud GONÇALVES, 2013, p. 43). Vários estereótipos foram atribuídos às favelas devido ao mito de Canudos, amplamente difundido pelo sucesso da obra "Os Sertões", de Euclides da Cunha. As favelas passaram a ser vistas como um conjunto de habitações precárias que, abrigando os marginais da sociedade, erguem-se contra a civilização, o Estado, a propriedade e a lei. Assim como Canudos, as favelas passam a representar, de um lado, tudo aquilo que era fora

da civilização, mas também, por outro lado, representava uma resistência aos poderes estabelecidos (GONÇALVES, 2013).

Os morros, pelo menos inicialmente, surgiram como uma solução temporária para a escassez de moradias, representando uma concessão social significativa para as camadas populares (GONÇALVES, 2013, p. 43). O termo favelas fazia referência às noções de adensamento, ilegalidade, insalubridade, desordem, autoconstrução e falta de serviços e infraestrutura urbana, (GONÇALVES, 2013, p. 38). Essas características refletem a precariedade das condições de vida nas favelas e a ausência de políticas públicas efetivas para atender à população que nela reside.

A expansão das primeiras favelas foi possibilitada pela natureza precária e provisória das construções e pela tolerância do Exército (GONÇALVES, 2013, p. 46). O déficit de habitações sociais só aumentou nos anos seguintes, devido ao aumento do custo de vida durante a Primeira Guerra Mundial e, na década de 1920, ao retorno das obras públicas sob as administrações de Paulo de Frontin e Carlos Sampaio. Além disso, o processo de concentração de capital direcionou os investimentos para o mercado imobiliário de luxo e para a criação de gigantescos loteamentos nos subúrbios, em terras de antigas fazendas, que muitas vezes eram inacessíveis às classes populares, não resolvendo o déficit habitacional das camadas mais pobres da população.

As favelas acompanharam a expansão do tecido urbano e se tornaram definitivamente um elemento importante da paisagem urbana carioca (GONÇALVES, 2013). O crescimento contínuo das favelas ao longo do século XX reflete a falta de soluções habitacionais adequadas para os trabalhadores de baixa renda, perpetuando a segregação socioespacial e a exclusão das camadas populares dos benefícios do desenvolvimento urbano (ibidem).

A expansão e o crescimento acelerado das favelas nas décadas da primeira metade do século XX coincidiram com a renovação cultural modernista que o país vivia, principalmente no que tange às artes. Segundo Jaguaribe (2007, p. 131):

"o modernismo artístico dos anos 1920 e 1930 irá imaginar uma favela diversa daquela concebida pela óptica elitista do início do século. Já não se trata de conceber a favela como entulho insalubre, obstruindo os caminhos do progresso, nem a favela é exotizada como território ameaçador do incivilizado. No bojo das novas sensibilidades culturais do modernismo, a representação estética da favela também passa pelo crivo da experimentação estética nos quadros techno-naif de Tarsila do Amaral, nas pinturas líricas de Di Cavalcanti, no expressionismo de Lasar Segall, entre outros".

Durante esse período, o Brasil passava por um processo de produção de um ideário moderno, que se refletiu na criação de ícones representativos da identidade nacional. Parte da elite acreditava que a erradicação da pobreza, ilustrada pela favela, era essencial para o desenvolvimento e a modernização do país. No entanto, as favelas também compunham parte da cultura nacional e ganharam visibilidade ao serem representadas nas produções artísticas daquele período. A literatura, a música e o cinema também contribuíram para essa visibilidade, com obras que mostravam a favela através de uma estética campestre. Conforme Jacques (2001), muitos artistas buscaram inspiração na estética das favelas, representadas pela arquitetura característica desses espaços. A estética visual das favelas passou a ser apresentada de forma diferente daquela formal do 'asfalto'.

Os modernistas, ao observarem a arte europeia, viam-na cada vez mais atraída pelo 'outro', pelo primitivo e pelo mito. No caso do Brasil, Tarsila do Amaral e outros artistas vivenciaram essa realidade através das relações estabelecidas com as comunidades negras e rurais. Como aponta Ferreira (2017), tanto os modernistas quanto os regionalistas, guiados em grande parte por Gilberto Freyre, valorizaram a diferença, contribuindo para especificar instâncias em que a mobilidade social, a ocupação do espaço público e o reconhecimento da integridade física e dignidade moral dos pobres urbanos se tornaram concebíveis.

A favela, nesse sentido, tornou-se uma temática explorada pelos modernistas para ampliar o campo de visibilidade da arte e incluir uma paisagem considerada original. Dentre os principais artistas modernistas do Brasil, Tarsila do Amaral foi a primeira a pintar as favelas com uma obra intitulada "Morro da Favela" (1924). A pintura trata com lirismo a vida na favela, apresentando

casebres coloridos, a vegetação do morro e as pessoas que compõem a paisagem. A morfologia das casas sugere a simplicidade dos moradores, e a ordem espacial das formas na pintura mostra os espaços ainda a serem ocupados. A ideia de que as favelas tinham um quê de ruralidade era forte nas representações desses primeiros artistas, muitos dos quais nasceram no campo e ainda eram influenciados pelas paisagens dos lugares onde cresceram.



Figura 1: "Morro da Favela", Tarsila do Amaral 1924

Enquanto a classe artística romantizava e valorizava a favela como símbolo da brasilidade, o poder público ensaiava a eliminação dessas ocupações vistas como irregulares. Em 2 de junho de 1927, o prefeito Prado Júnior fez o primeiro pronunciamento oficial sobre as favelas, publicado no jornal "O Paiz"³:

"O problema da edificação das pequenas habitações provisórias, em geral, situadas nos morros, e denominadas 'favelas', tem sempre preocupado os poderes públicos, sem, entretanto, lograrem a solução desejada. Com interesse especial, o Governo da União voltou as suas vistas, para esta importante questão, empenhando-se também a Prefeitura, em coadjuvar esses esforços, na medida dos

³ http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/29910 consulta em 06/06/24

recursos disponíveis. Nessa conformidade, mandei fazer obras de adaptação no antigo trapiche 'Rio de Janeiro', próprio nacional, de modo a nele poder se abrigar, provisoriamente, os moradores das 'favelas', à medida que forem sendo removidos e até encontrarem habitação conveniente. Realizadas as modificações em andamento, o trapiche acima referido ficará em condições de acomodar de 600 a 800 pessoas. ”

No entanto, é crucial destacar que essa estética modernista, embora inovadora em muitos aspectos, não abordava a realidade das favelas de maneira precisa. Em vez de proporcionar uma visão crítica das condições de vida precárias e dos desafios enfrentados pelos moradores, as representações artísticas frequentemente ofereciam uma visão idílica e romantizada das favelas. Esta abordagem estetizada reforçava a percepção das favelas como algo à parte, "o outro" ou "o exótico", que não se integrava plenamente à cidade ou ao ideal de brasilidade. Enquanto as obras modernistas contribuíram para a visibilidade das favelas no cenário artístico e cultural, elas também perpetuavam um distanciamento e uma idealização que obscureciam as complexas e muitas vezes difíceis realidades dos que viviam nesses espaços.

Como constata ROLNIK(1992, p. 28), o debate sobre os problemas sociais no Brasil do início do século XX não incluía a questão urbana. A reflexão sobre a cidade se limitava às questões técnicas, deixando muitas vezes de lado os aspectos sociais. As ações urbanísticas contribuíram, na verdade, para a criação de espaços de exclusão, em que a população local não gozava dos mesmos direitos que o restante dos cidadãos (ibidem).

O Código de Obras de 1937 definiu finalmente um conceito jurídico para as favelas, estabelecendo também uma nova relação legislativa entre os favelados e os poderes públicos. Sob sua influência, a Municipalidade criou os Parques Proletários Provisórios, que tiveram, na época, grande repercussão social. Mas a maioria dos favelados não se aproveitou deles e, o que é pior, os parques mantiveram inalterada sua condição de provisoriedade, sem nunca ter podido consolidar-se definitivamente no tecido urbano (OLIVEIRA, 2021).

Além de ser um índice da desigualdade social e segregação sociourbana na formação do tecido urbano, a imagem da favela progressivamente substituiu

a dos cortiços como símbolo da desordem da cidade e da caracterização das classes perigosas no imaginário social (OLIVEIRA, 2021). As categorias duais ("legal/ilegal", "formal/informal", "ordem/desordem", "elite/popular") típicas das representações de favelas foram ampliadas também pelas estatísticas, que contribuíram para uma leitura enviesada da realidade urbana.

Silva (2005) assinalou que os censos mostravam a diversidade da composição social e da morfologia da ocupação urbana, mas também reafirmaram uma homogeneidade, em que “as favelas ganharam importância como representação nacional do ‘problema habitacional’, numa nítida projeção da realidade do Rio de Janeiro para todo país” (SILVA, 2005, p. 37). Ainda que os censos de favelas tornem mais complexas as análises da realidade urbana, eles também são fruto de relações de poder e das lutas pela representação do mundo social (OLIVEIRA, 2021).

A circulação da categoria “favela” como conceito da geografia urbana para pensar a questão habitacional, a informalidade e a pobreza em escala nacional, reflete, assim, a importância crescente desse fenômeno nas discussões sobre urbanização e desigualdade social no país.

2.2. O debate atual entre favela x asfalto

Esses espaços foram historicamente associados, como já mencionado, à marginalidade, como analisa o trabalho de Janice Perlman (1977). Ela emprega o termo de mito da marginalidade como uma crítica para designar tais representações, que muitas vezes estavam muito distantes da realidade das favelas. Mais recentemente, a obra do jornalista Zuenir Ventura, *Cidade Partida*, de 1994 reproduz mesmo entendimento de um certo dualismo na reflexão sobre o Rio de Janeiro. O livro evoca a ideia de uma cidade dividida e tenta explicar o porquê desta cidade estar partida, evidenciando a forma de organização desta cidade paralela, seus hábitos e posturas, como se dão suas relações com outros moradores e principalmente o cotidiano dos que convivem com a presença do tráfico de drogas. Apesar desta obra ajudar a tornar público todo descaso em termos de infraestrutura vivida nas favelas, o autor descreve uma situação de

guerrilha urbana, que divide os moradores da favela e do asfalto, os pobres e os ricos, os bandidos contra a sociedade, como quando cita as origens do crime organizado e sua ligação com as favelas, ou seja, reatualiza e naturaliza velhos mitos que associam esses espaços à marginalidade.

Entretanto, é evidente no próprio livro que a interação existe. Há uma construção da ideia de divisão socioespacial da cidade entre favela e não-favela (asfalto), como se não houvesse mediações. Segundo a ideia transmitida no livro, as áreas de asfalto, os bairros, são habitadas por pessoas de maior nível de renda e com mais acesso à educação em contraponto aos moradores das favelas. Essa divisão é uma construção que norteia o imaginário e as representações sociais da cidade do Rio de Janeiro.

A inserção das favelas à cidade foi mediada pelos limites impostos pelo que é considerado civilizado. As representações das favelas apresentam um padrão em comum em sua estética. De acordo com Maria Laís P. da Silva (2005), a partir da década de 1930, as representações na mídia impressa sobre as favelas sempre reforçavam esse dualismo. Conforme analisam Barbosa e Silva (2013), a relação de distinção entre o que é concebido e percebido como dentro e fora da ordem urbana é expressa, de modo contundente, nas e pelas representações hegemônicas que, por sua vez, promovem uma hierarquização territorial preconceituosa e discriminante para com a favela e seus moradores.

O autor afirma, ainda, que

“nesse sentido que o processo de distinção no espaço urbano se apresenta como distanciamento ontológico (corpóreo e territorial) entre o mesmo hegemônico e o outro subalternizado, radicalmente descrito no binômio “asfalto/favela”, como marcação de hierarquias entre seres humanos e de distribuição de direitos da cidadania” (Barbosa e Silva, 2013, p.122).

Os autores concluem que, durante todo o século XX, o Estado brasileiro, e principalmente no Rio de Janeiro, não assume um papel regulador apesar da reconhecida presença que as favelas ocupavam na paisagem urbana. Isso pode ser atribuído ao caráter histórico patrimonialista, que predominava nas práticas dominantes das autoridades, o que impedia sua constituição de forma republicana. Visto que os órgãos estatais existiam para atender os interesses

dos grupos econômicos e políticos dominantes, e as forças policiais se limitavam a defender tais grupos, ou seja, protegia-se local onde os grupos sociais mais abastados circulavam, não considerando os outros cidadãos circulantes da polis enquanto portadores de direitos. As favelas não só resultam dessa desigual apropriação social da cidade, como também são produtos de concepções e práticas distintivas de direitos fundamentais, havendo uma hierarquização da cidadania no território urbano, onde podemos relacionar com a ideia de que quanto mais próximo do asfalto, mais próximo de ser lido enquanto cidadão se é.

Para Rocha (et al., 2022), a reflexão da cidade pelo binômio “asfalto” versus “favelas” não apreende uma série de dimensões espaciais significativas, ou seja, a experiência de um morador de uma favela no subúrbio é provavelmente diferente daquele que mora em uma favela da Zona Sul. Em que pese experiências semelhantes, a identidade suburbana, como veremos a seguir, também é um elemento identitário urbano importante tanto para moradores do “asfalto” ou dos morros da região.

2.3. Favela como a conhecemos hoje

Para Camila Rocha,⁴ a marginalização da favela, que é comumente reduzida a territórios precários, ilegais, desordenados, inseguros e é estereotipada como territórios ilegítimos das cidades, tem como consequência o chamado “círculo vicioso da pobreza”. Processo este que se caracteriza pela retroalimentação das regiões menos desenvolvidas, nesse caso as favelas, tendo como resultado a manutenção desse ciclo de não desenvolvimento local e continuidade da pobreza – podendo, inclusive, ampliar as desigualdades entre as regiões mais e menos desenvolvidas. É preciso, nesse sentido, um projeto de olhar, cuidar e investir na favela como um lugar de potência. A potência que faz com que a população favelada se reinvente e resista a vida, por meio da arte,

⁴ <https://riomais.org/a-favela-como-potencia-a-importancia-de-um-novo-olhar-da-gestao-publica-para-o-desenvolvimento-do-rio-de-janeiro/> acesso 07/09/2024 às 11h40.

abrindo seu próprio negócio, conseguindo aprovação em uma universidade etc., mesmo diante das adversidades.

Durante as últimas décadas, um movimento de organizações e moradores de favela vem ganhando força e mostrando que a favela é potência, e não carência, como analisam Jorge Luiz Barbosa e Jailson de Souza e Silva (2013). Este movimento tem por objetivo mudar a perspectiva do olhar sobre as favelas, já que a resiliência da população favelada, que se reinventa e resiste por meio da arte, do empreendedorismo e da educação, demonstra essa potência. Apesar das adversidades, os moradores das favelas abrem seus próprios negócios, conseguem aprovação em universidades e geram renda e emprego internamente com o surgimento de pequenas mercearias, salões de beleza, lojas de roupas, entre outros.

A marginalização das favelas, frequentemente reduzidas a territórios precários, ilegais, desordenados e inseguros, contribui para o chamado "círculo vicioso da pobreza". Esse processo caracteriza-se pela retroalimentação das regiões menos desenvolvidas, perpetuando a manutenção do subdesenvolvimento local e a continuidade da pobreza, além de potencialmente ampliar as desigualdades entre as regiões mais e menos desenvolvidas. Em seu texto, Rocha⁵ explicita este círculo em que a favela sempre foi submetida, e ainda salienta que, o morador de favela faz parte do dia a dia e do funcionamento regular da cidade: é a diarista, a manicure, o motorista do ônibus, a "tia da limpeza" ou o "moço do cafezinho". Essas pessoas estão presentes em nosso cotidiano, mas muitas vezes parecem "invisíveis" tanto para a população quanto para o Estado.

Em entrevista, Athayde⁶ afirma que:

“Ser morador de favela virou motivo de orgulho. Isso aconteceu graças a uma revolução cultural protagonizada pelas pessoas da periferia, que passaram a enxergar o valor da tradição comunitária desses territórios. Valores e conhecimentos que antes eram vistos com desdém ou como expressões materiais da falta de estado e infraestrutura nesses territórios, hoje são reconhecidos como qualidades essenciais para a vida em

⁵ <https://riomais.org/a-favela-como-potencia-a-importancia-de-um-novo-olhar-da-gestao-publica-para-o-desenvolvimento-do-rio-de-janeiro/> acesso 07/09/2024 às 11h40.

⁶ <https://exame.com/colunistas/favela-s-a/favela-e-potencia-nao-e-carencia-diz-celso-athayde-da-favela-holding/> acesso 07/09/2024 às 11h40.

sociedade e para o sucesso no mercado de trabalho. Me refiro à criatividade, à resiliência e às competências empreendedoras tão comuns nas favelas.”

Na mesma entrevista, Athayde ressalta que as favelas são grandes centros urbanos, habitados, em sua maioria, por profissionais de diversas áreas, que produzem e geram valor para a sociedade, que hoje movimenta mais de 120 bilhões de reais por ano, cifra superior ao consumo total da Bolívia. Segundo dados presentes no censo do IBGE de 2021⁷, se as favelas brasileiras fossem um Estado, seriam o 5º maior em número de domicílios e o 7º maior em renda.

Diante do exposto, este trabalho defende que, o que muitos entendem como um problema, deveriam ser vistos como uma solução. A favela que conhecemos hoje deve ser mais reconhecida e receber investimentos, diante do seu tamanho potencial transformador. Pois ao colocar a favela no lugar de impulsão que ela merece, se estabelecerá um marco para um desenvolvimento sustentável das cidades, com redução das desigualdades, da pobreza e melhorias no bem-estar da população.

Jorge Luiz Barbosa e Jailson de Souza e Silva (2013) acentuam as várias funcionalidades que a habitação nas favelas assume, quando abordarmos a potencialidade presente na vivência favelada. Para os autores, a habitação não se resume aos padrões hegemônicos de uso exclusivamente residencial. A casa na favela tem outros sentidos. Isto porque a habitação, no cotidiano dos espaços populares, tem funções muito mais amplas do que uma simples residência. Uma delas está vinculada às oportunidades de geração de trabalho e renda. Nas favelas a habitação pode ter um puxadinho para frente ou para trás, fazendo surgir uma pequena mercearia, um bar ou um salão de beleza. Multiplicam-se as oficinas mecânicas, os depósitos de bebidas, lojinhas de roupas e *lan houses*, atividades socioeconômicas intimamente associadas à habitação. São pequenos negócios de origem familiar, que se mantêm graças ao mercado local constituído na própria favela. É desse modo que os moradores dos espaços populares enfrentam o desemprego, os baixos salários,

⁷ <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102062.pdf> acesso 07/09/2024 às 11h50.

a discriminação racial e inventam um mercado socialmente necessário de trabalho, de bens e de consumo.

Os autores adicionam que, inclusive, as favelas representam a maximização das possibilidades econômicas, culturais e sociais, realizada pelos pobres, nos seus mais legítimos esforços para habitar a cidade. Mesmo nas mais precárias de suas configurações de habitação e serviços básicos, as favelas são territórios onde os pobres afirmam sua presença no espaço urbano. Podemos afirmar que as favelas não são apenas expressões de desigualdades, mas também formas específicas de produção do urbano. É nesse plano que as favelas devem ser tratadas, pois são territórios que colocam em questão o sentido da sociedade e da espacialidade urbana em que vivemos (Barbosa e Silva, 2013).

3. O debate sobre o subúrbio

O conceito de subúrbio, ao longo do tempo, tem sido alvo de diversas interpretações e significados que vão além de sua simples localização geográfica. Ao aprofundar a noção de subúrbio, destacam-se suas características socioculturais e espaciais, bem como seu papel na reprodução das relações sociais e na transição para a modernidade urbana.

Para Lins (2010), a etimologia de "urbano" e "suburbano" revela que "subúrbio" sempre esteve ligado ao conceito de segregação espacial. Segundo o autor, a definição de "urbano" deriva do latim e significa cidade, associada à polidez dos antigos romanos. Já o suburbano é definido como algo próximo da cidade. No entanto, em nossa língua, a palavra subúrbio adquiriu um caráter depreciativo, sendo interpretada como o oposto da polidez e civilidade que o urbano representaria.

Geograficamente, o subúrbio é definido como o espaço produzido junto à cidade, normalmente tão antigo quanto ela, mas que, por sua localização geográfica, tipo e forma de uso, não se confunde nem com a paisagem nem com o espaço considerado propriamente urbano (Fernandes, 1995, p. 34). Esta definição evidencia que o subúrbio é um espaço que, apesar de próximo à cidade, mantém características próprias que o distinguem do núcleo urbano central.

A noção de subúrbio envolve uma nova concepção de espaço e sociabilidade, onde ocorre a ruptura e a transição para a modernidade da cidade. Segundo Soto (2008), o subúrbio representa a divisão entre o urbano e o rural, sendo um espaço de reprodução das relações sociais. Soto (2008) também enfatiza que a diversidade e a riqueza do subúrbio contrastam com as interpretações limitadas que reduzem a realidade aos polos de centro e periferia.

Lefebvre, (Soto, 2008), introduz o conceito de espaço social, que é o lugar da reprodução das relações de produção, sendo ao mesmo tempo objeto e instrumento de planificação, isto é, do ordenamento do território e, portanto, de uma lógica de crescimento econômico e material. Martins destaca que no subúrbio ocorre a vida cotidiana dos trabalhadores, distanciando-se das análises

que privilegiam a produção de mercadorias. Assim, o subúrbio é visto não apenas como um espaço geográfico, mas como um espaço social onde se reproduzem as relações de produção capitalista, além da mera realidade do trabalho manual.

Na concepção de Domingues (2020), o subúrbio é a margem, o "extramuros", um território impreciso e não consolidado do ponto de vista urbanístico. É uma espécie de reserva fundiária para um crescimento urbano extensivo, submetido ora a um processo de planejamento extremamente regulado, como os "*grands ensembles*" residenciais do pós-guerra na França, ora a processos espontâneos de urbanização, caracterizados por baixos níveis de infraestrutura básica.

A construção de sentido do topônimo Subúrbio Carioca perpassa por este processo que além de simbólico, de eclosão de significações, abarca também questões materiais de vida na cidade. A partir do avanço da ocupação dos Subúrbios proletários, com a transformação de freguesias em áreas residenciais, a cidade apresenta ainda um processo de transferência espacial de renda (ABREU, 1987 apud Bertamé, 2016). Ao ponderar quanto às colocações de Abreu, Bertamé conclui que apesar da população suburbana pagar os mesmos impostos e taxas, era notória a diferença na quantidade e qualidade de obras e melhoramentos destinados ao eixo central e dos subúrbios habitados por uma elite local no Rio de Janeiro.

Ainda de acordo com o autor, é assim que, por Subúrbio passa-se a entender não apenas as localidades que cresceram ao longo das estações ferroviárias — os Subúrbios ferroviários propriamente ditos — com suas vilas operárias e suas indústrias, mas também qualquer outra área da cidade que receba serviços públicos e tecnologias arcaicas, ou definitivamente não os receba. E assim a palavra passa a ser associada primeiramente ao habitat de camadas médias e, depois, do proletariado industrial.

3.1. Dialogando com alguns conceitos: Subúrbio e periferia

No contexto da cidade do Rio de Janeiro, essas denominações são frequentemente utilizadas de forma intercambiável, o que gera confusão em relação aos seus significados específicos. A partir da definição do processo de construção do imaginário de subúrbio que temos hoje, percebe-se que este dialoga, mas não se assemelha ao que se entende como periferia em outros estados brasileiros.

Segundo D'Andrea (2013), o termo periferia foi ganhando contornos à medida que o próprio fenômeno da periferia foi sendo construído socialmente. A periferia é caracterizada por uma configuração espacial segregada, marcada pela distribuição desigual de serviços urbanos básicos e pela necessidade de percorrer longas distâncias para acessar esses serviços. No entanto, áreas populares centrais, como favelas, cortiços e ocupações no centro do Rio de Janeiro, também podem ser consideradas periféricas devido à sua condição de precariedade e exclusão social.

A periferia se define pela sua condição de dependência do centro. Como observou Soto (2008), a periferia é a negação das promessas transformadoras e emancipatórias do urbano. É um espaço onde a urbanização está subordinada à renda da terra, e as desigualdades sociais se expressam geograficamente entre o centro e a periferia.

A utilização indistinta dos termos subúrbio e periferia fez seus conteúdos se tornarem confusos. Soto (2008) argumenta que, ao serem usados como expressões negativas em oposição ao centro e ao urbano, esses conceitos perderam sua capacidade explicativa. O seu apontamento quanto a periferia e de que esta passa a ser vista como um espaço caótico e instável, resultado da especulação imobiliária, enquanto o subúrbio — especialmente no contexto paulista descrito por Martins —, mantém resquícios rurais e é visto como um espaço mais ordenado e com maior qualidade de vida.

No Rio de Janeiro, a percepção de periferia possui conotações distintas, especialmente em relação à forte identidade das favelas, que se destacam como espaços simbólicos e identitários mais específicos. O termo periferia, nesse

contexto, é menos utilizado como definição espacial e mais comumente empregado por grupos que buscam situar-se em um contexto de luta por direitos e visibilidade. Embora o termo seja usado de forma ocasional, ele não é tão enraizado quanto o termo favela, que carrega uma identidade socioespacial particular para os moradores do Rio. Assim, enquanto a periferia em São Paulo consolida-se como um conceito identitário e um território de resistência, no Rio de Janeiro, o termo é ressignificado, adquirindo força apenas em contextos de articulação política e de movimentos sociais que visam reforçar a luta por inclusão e direitos.

Para Tanaka (2016), o conceito de periferia, assume um papel central nas análises urbanas de São Paulo, onde é construído como uma identidade coletiva de resistência e pertencimento para as áreas marginalizadas. Em São Paulo, a periferia não se restringe a uma definição espacial, mas incorpora práticas culturais e discursos políticos que transformam essas áreas em símbolos de resiliência e luta por direitos. A identidade dos moradores da periferia paulistana é reforçada pela exclusão socioespacial e pelas dificuldades impostas por políticas de urbanização que priorizam o crescimento econômico sem inclusão. Esse processo gera um sentimento de pertencimento e uma identidade específica que articula a periferia como um espaço de luta e reconhecimento social, caracterizando-a como um território de resistência e expressão cultural.

Por outro lado, o subúrbio, especialmente no contexto carioca, possui características que o distinguem da periferia. No Rio de Janeiro, a percepção do subúrbio e da periferia está profundamente enraizada na memória coletiva e é influenciada por representações culturais. Bertamé (2016) observa que os moradores de Copacabana e Jacarezinho, por exemplo, têm percepções diferentes do que significa ser suburbano. Para muitos, o subúrbio está associado a uma vida mais pacata e afetuosa, enquanto a realidade favelada é marcada pela união motivada pela escassez e pelos desafios socioeconômicos. Desenvolveremos mais a fundo este tópico no próximo capítulo.

Para Soto (2008), o subúrbio designa a identidade específica de uma realidade espacialmente social entre o produzir e o mandar, o trabalhar e o desfrutar. O subúrbio atenua os contrastes entre o rural e o urbano, preservando

elementos rurais como quintais, hortas e galinheiros, mesmo dentro de um contexto urbano.

O autor ainda insiste na distinção das noções de subúrbio e periferia, destacando que cada um expressa um problema distinto. A periferia remete à urbanização caótica e à inclusão social precária, enquanto o subúrbio está associado ao bem-estar, desenvolvimento social e revolução cultural. O subúrbio, portanto, não é apenas uma variação da periferia, mas um território com identidade e dinâmica própria.

Bertamé (2016) observa que o uso cotidiano do topônimo subúrbio carioca apresenta diversas ambiguidades, afetos e significações. Podemos encontrar um campo heterogêneo de representações, afetos e significações contidos no topônimo subúrbio carioca. Não raro, o termo é utilizado como um instrumento de carga pejorativa que se aplica a um determinado recorte socioespacial da cidade, justificando no imaginário popular um processo de discrepância na produção do espaço urbano. Entretanto, o subúrbio também floresce como uma metáfora que aborda uma diversidade de modos de vida na cidade.

O autor discorre sobre o processo de rapto ideológico de categoria expressado por (Bertamé, 2016), onde mesmo que possa ser visto como um momento inicial de uma política de segregação territorial mais abrangente mobilizada dos Subúrbios Cariocas, ele abre a brecha para múltiplas forças moleculares que estão em constante ação no espaço, enfrentando este processo de segregação. Assim, Bertamé sugere que, a partir das expressões insurgentes, podemos considerar que a palavra Subúrbio, para o carioca, ganhou um sentido cultural, quase metafórico (Bertamé, 2016) quando empregada no cotidiano. A metáfora do vocábulo Subúrbio engloba um conjunto de representações e significações que são vivas na coletividade, ainda que heterogêneas, encontram elos em comum.

No contexto carioca, mesmo um bairro que não seja primeiramente localizado em um bairro nobre, entretanto, mais próxima a área de bairros considerados centrais, com acesso a recursos estruturais e pontos turísticos,

mais subúrbio e menos periferia ele é associado. Pois a área periférica tem no senso comum, sua formação ligada a um não planejamento.

A periferia, conforme descrito por Domingues (2020), constrói-se de maneira errática e desordenada, fruto de decisões isoladas e da dinâmica do mercado. A forma urbana resultante é não estruturada, caótica, incompleta e labiríntica. Em contraste, o subúrbio, embora também possa ser visto como um espaço de exclusão e marginalidade, possui uma estrutura social e geográfica distinta.

Conforme Soto, após o uso indiscriminado dos conceitos de subúrbio e periferia, ambos passaram a expressar, negativamente, uma oposição ao centro, ao urbano e à própria cidade (2008, p. 111). Essa percepção revela a perda da capacidade explicativa que esses conceitos possuíam, mantendo apenas em sua essência o significado geográfico. O autor argumenta que, na realidade, o conceito de subúrbio alimentou a noção de periferia ao identificá-lo como um lugar distinto. De acordo com Sposito (2004), o suburbano vira urbano com o crescimento das cidades. No sentido amplo, o subúrbio passa a ser confundido com a periferia.

Araújo (2014), por sua vez, destaca que a periferia emergiu como um marco na sociologia urbana marxista durante a década de 1970. Posteriormente, esse conceito foi amplamente adotado pelo senso comum. A periferia passou a qualificar um território metropolitano caracterizado pela falta de serviços públicos básicos, infraestrutura urbana precária, distância significativa do mercado de trabalho e outras carências. Com isso, a periferia adquiriu uma dimensão social, transcendendo a noção meramente geográfica de afastamento em relação ao centro, conforme mencionado anteriormente (Alves, 2011, p. 113).

Se o conceito de periferia ainda trazia uma carga negativa nos anos 1980, ela passa por uma ressignificação na década seguinte, quando distintas expressões culturais, como o movimento hip-hop, passaram a publicizar o termo. Como analisa D'Andrea (2020), a periferia reivindicou a palavra periferia, começando um processo histórico de modificação de seus significados.

Tal como destacado por Manoel Lemes da Silva, o termo “periferia” carrega consigo um significado político, econômico e social que não é presente no

conceito de “subúrbio”. Simone Pallone ressalta que é impossível pensar na periferia sem considerar o centro, pois essa relação dialética é fundamental para a teoria do desenvolvimento econômico (Pallone, 2005). No entanto, no contexto particular da cidade do Rio de Janeiro, à luz das reflexões apresentadas neste estudo sobre a gênese do subúrbio carioca, podemos compreender que o território suburbano assumiu em parte, e ao menos para uma parte específica da cidade, o sentido político, econômico e social atribuído à periferia em outras regiões do Brasil.

No entanto, há outros espaços na cidade do Rio de Janeiro, que poderiam apresentar também o conceito de periferia, como os bairros distantes da Zona Oeste ou as cidades da Baixada Fluminense. Esses espaços são distantes e possuem uma hierarquia em relação ao centro, mas não são necessariamente consideradas áreas suburbanas. Parece-nos importante sublinhar que o subúrbio carioca é uma construção social, que se projeta em uma área relativamente específica da cidade, mas que carece de uma explicação simples em termos geográficos, ou seja, há bairros suburbanos distantes do centro e outros relativamente próximos.

De acordo com Santos (2012), a definição legislativa do subúrbio na cidade do Rio de Janeiro passou por mudanças ao longo dos anos e não designa mais uma área específica da cidade. No entanto, no Plano Diretor de 1992, o termo subúrbio foi mencionado não como uma área específica, mas como uma referência aos bairros ao longo das linhas férreas, já consolidados no imaginário urbano. A revisão do Plano Diretor em 2011 não trouxe mais o termo subúrbio em suas seções, mesmo ao mencioná-lo em relação ao transporte ferroviário.

Alguns bairros da Área de Planejamento 3 estão tão afastados do centro quanto o Leblon, por exemplo, e oferecem infraestrutura urbana semelhante ou mesmo superior a alguns bairros da Zona Sul. No entanto, eles continuam sendo conhecidos como suburbanos. Não há justificativa técnica para manter essa designação, o que indica que essa classificação está mais relacionada ao aspecto social e identitário do que a definições jurídicas e administrativas.

No contexto da cidade do Rio de Janeiro, o imaginário do subúrbio se entrecruza com aquilo que se construiu sobre o que é periférico. A metáfora que se tornou o ser suburbano carioca pode abarcar uma diversidade de identidades, dentre elas a identidade favelada, devido a sua característica mais latente: a resiliência diante das dificuldades estruturais enfrentadas pelos moradores que residem em locais que possuem características que se encaixam nestes dois perfis. Contudo, dentro desta área nebulosa do que é periferia e do que é subúrbio, ainda há elementos sutis que possibilitam distinguir o subúrbio em detrimento do que é periferia, quando pensamos por exemplo nas favelas suburbanas.

3.2. O subúrbio no contexto carioca

A fim de compreendermos as origens e a contextualização em que se encontra a categoria de estudo que se pretende estabelecer, faz-se necessário primeiro começarmos com um breve retroceder ao cerne do processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro, introduzindo a categoria subúrbio e a especificidade do significado que tal categoria assumiu em solo carioca. A ideia é construir parte da História urbana do Rio de Janeiro por outros ângulos, que não somente pela dualidade favela versus asfalto.

Os bairros considerados suburbanos, no Rio de Janeiro, possuem também uma construção específica, que se materializa espacialmente, mesmo que essas fronteiras não sejam tão rígidas e possam sofrer mudanças no decorrer do tempo. Assim, inicialmente, eram considerados bairros suburbanos aqueles à beira das ferrovias, sobretudo aqueles localizados na Zona Norte (Lins, 2010, p 140).

Já para Fernandes (1995), o significado atribuído à palavra subúrbio era uma forma de segregação e dominação ideológica, imposta por aqueles que moravam nas áreas centrais. Assim, no decorrer do tempo, os bairros centrais, sobretudo aqueles na zona sul da cidade, foram sendo considerados o modelo de urbanidade e, como expressado por Fernandes, observamos um “rpto ideológico da palavra subúrbio”. De um lugar distante, por vezes bucólico, esses

bairros passaram a representar tudo aquilo que não era a Zona Sul carioca, o que refletia em termos das representações, mas também em investimentos por parte dos poderes públicos nesses locais.

Todavia, a partir da construção da Avenida Brasil, iniciada em 1940, adicionou-se uma nova configuração para o imaginário do subúrbio carioca. De acordo com Pedro Henrique Campello Torres (2018), surge um “subúrbio rodoviário”, que contrasta com o subúrbio margeado pelo trem. A construção deste importante via cumpre um papel estratégico de facilitar o tráfego rumo ao “centro da cidade”, ou para “fora” dela. A Avenida Brasil é um importante eixo impulsionador da ocupação da área, primeiro por indústrias e depois por estabelecimentos e negócios urbanos em meados das décadas de 1940 e 1950.

Em um contexto em que a prioridade de prefeitos e interventores da capital federal se voltava para bairros do centro e da zona sul como, por exemplo, Copacabana — valorizados como símbolos e expoentes de uma cultura urbana que se pretendia civilizada nas décadas de 1930 a 1960 — a Avenida Brasil é parte muito importante de planos para as áreas periféricas da cidade, sobretudo de acomodação das classes subalternas naquele território, somado ao rodoviarismo ascendente e a necessidade de maior integração com São Paulo e região Serrana. Logo, o fluxo para o subúrbio não mais era guiado apenas pelos “trilhos do trem” ou dos bondes. Sua inauguração se deu em 1946, que com expansão fabril em curso implementada pelo Estado na década seguinte, levou indústrias em direção ao subúrbio, descentralizando o processo de industrialização da cidade, que, por consequência, levou para o subúrbio as fontes de emprego industrial.

Esta dicotomia entre subúrbio e zona sul teve seu início no processo de urbanização da cidade carioca. Anterior ao processo de expansão urbana com a ampliação da malha ferroviária, a simbologia que envolve a palavra subúrbio se limitava ao que remetesse as noções de baixa densidade e campo aberto, como, por exemplo, Botafogo e Catete. Tais bairros já eram vistos em termos de classe e significado social, como valorizados e considerados nobres, mesmo sendo classificados como uma área suburbana, em relação à área central da

cidade, que, em fins do século XIX, concentrava uma importante população trabalhadora, sobretudo nos cortiços.

Rocha (et al., 2022) desenvolve sua interpretação sobre o subúrbio carioca, onde defende não se tratar apenas de uma zona periférica aos centros econômicos da cidade, cortada por linhas férreas e rodovias, mas de um local com uma identidade própria, definida tanto pela geografia quanto pelos laços afetivos e de pertencimento. O autor conclui que podemos identificar três características principais do Subúrbio Carioca: sua localização (principalmente na Zona Norte), sua conexão com vias de transporte de massa (Avenida Brasil, Trem ou Metrô), e o forte senso de pertencimento de sua população. Além disso, é crucial reconhecer a sobreposição de identidades que permeiam essa região, tornando o subúrbio uma entidade complexa e multifacetada, em constante transformação.

Para Bertamé, Subúrbio viria a ser aquele espaço que não é a Zona Sul, ou que é a Zona Norte, por exemplo. Isto é, o entendimento se dá através do polo diferencial, provavelmente observado de forma dualista:

[...] a percepção que não define o bairro enquanto suburbano envolve questões como: estar dentro da urbe, ser moderno, o peso do nome Zona Sul, a condição de centralidade, figurar no mapa, apesar de decadente, de maneira que ainda encontramos na subjetividade coletiva que ser Subúrbio estaria conectado à ausência (2016, pág. 106).

O autor define que o termo Subúrbio Carioca, apesar de ainda em uso, vislumbra um misto de territorialidades espalhadas pela cidade. Para melhor elucidar, o autor exemplifica com uma constatação feita em suas entrevistas, onde nota que há uma interseção curiosa de pessoas que se consideram moradores dos Subúrbios apesar de referenciar este a partir de outro território como por exemplo: moradores de bairros da Baixada que consideraram seu bairro suburbano, mas marcam que Subúrbios seriam só os territórios da Zona Norte do município do Rio de Janeiro. Assim,

“pensamos que existe aqui uma provável ruptura entre uma compreensão racional constituída, que não se espelha diretamente no afeto, de forma que ainda que a Zona Norte seja, para muitos entrevistados, uma representação do que se imagina

por Subúrbios, a noção de Suburbano transpassa suas fronteiras. (Op. Cit. 2016, pág. 101)”

O entendimento de Subúrbio a partir de itens como relação de vizinhança, cordialidade, amizade, religiosidade, família, conversas de portão, são mais citadas entre os moradores de bairros ditos não suburbanos do que de bairros ditos suburbanos. Podemos deduzir, com isso, que a representação dos Subúrbios através de tais modos de vida provavelmente seja mais um reflexo do recorte de representação utilizado socialmente para classificar a região do que dos próprios moradores da região. Assim, é plausível dizer que por este recorte, certos moradores têm a percepção de que os Subúrbios possuem mais afeto e sentimento de comunidade que bairros não suburbanos, o que aparenta significar uma visão romantizada a respeito dos suburbanos (Bertamé, 2016, pág. 107).

Quando o autor se questiona a respeito de referenciais afetivos e paisagem, os entrevistados dos bairros declarados não suburbanos apresentam uma maior gama de lugares como referência turística, o que não ocorre com a mesma intensidade em bairros declaradamente suburbanos. É plausível que tal fato se relacione com as formas como a paisagem urbana do Rio de Janeiro é representada, sempre com maior enfoque para as regiões mais elitizadas da cidade (Bertamé, 2016, pag. 108).

Assim, o autor conclui que pelas respostas, que entre os bairros ditos suburbanos ocorre um baixo índice de interesse por seus espaços urbanos e paisagísticos, o que facilita os processos de degradação desta área. A baixa ocorrência de comentários, porém, não significa a falta de uso e de vida urbana nas regiões. A vida urbana nos bairros suburbanos não é necessariamente associada como algo interessante o suficiente para que se comente. Assim também, Bertamé acredita que muitos lugares interessantes não são entendidos assim pelos moradores, que em grande parte se encontram embebidos nos estereótipos e representações instaurados pelos poderes hegemônicos.

A ausência de um sentido cristalizado para o topônimo Subúrbio Carioca e sua condição ambígua e aberta a múltiplas investidas dentro do campo de

disputas da cidade proporcionam esta potência de fluidez que envolve o termo. De certo, não há uma definição clara e final sobre o que é o Subúrbio Carioca, mas há na cidade uma sensação de pertencimento deste topônimo que permite que ele seja experimentado das mais diversas formas pelos indivíduos que se põem a questioná-lo, a utilizá-lo ou até mesmo a respondê-lo (Bertamé, 2016, pág. 108).

Em sua tese, Rocha (et al., 2022) alude a Torres (2017), quando acentua que o território suburbano no Rio de Janeiro não se encaixa em uma definição única, mas sim em múltiplas, todas elas vinculadas à ideia de um espaço ocupado pela classe trabalhadora. Diferente do modelo suburbano estadunidense, o subúrbio carioca apresenta uma forte heterogeneidade social. Na morfologia urbana do Rio de Janeiro, não é possível aplicar modelos simplificados, como "subúrbios com trem" ou "subúrbios como locais de moradia operária". O subúrbio carioca é resultado de uma interação entre as redes de transporte, o capital imobiliário e a atuação do poder público. São esses os principais agentes que moldaram o subúrbio carioca, evidenciando a importância da articulação entre o capital privado, o poder público e o planejamento do uso do solo.

O subúrbio funciona como um divisor social do espaço urbano, abandonando a ideia de uma delimitação física clara. Para os autores, o subúrbio é um espaço de disputa entre as classes sociais, onde a população suburbana se engaja em lutas e resistências que reconfiguram constantemente o significado e o uso do termo. O subúrbio, portanto, está em constante construção e disputa, sendo uma expressão dinâmica das relações sociais e urbanas na cidade.

Rocha (et al., 2022) toca em uma perspectiva sobre o subúrbio carioca muito única, quando se refere a este como uma "arma de potência social", um espaço de luta e devir. Para o autor, as relações que definem o subúrbio podem surgir ou se desmanchar conforme as necessidades sociais e políticas do momento. É um espaço onde as singularidades coexistem e se sobrepõem, transformando-se constantemente. As transformações no subúrbio são visíveis na mudança dos usos dos espaços: o botequim que vira cinema, a barbearia que se transforma em bistrô, e a rua que se converte em campo de futebol. Mais

recentemente, vemos cinemas se tornando farmácias ou igrejas, evidenciando a contínua reinvenção do subúrbio como um campo de disputas culturais e sociais.

Essa visão do subúrbio carioca, porém, não se limita às transformações físicas e às disputas sociais. As memórias e experiências dos moradores, assim como as entrevistas realizadas com os interlocutores, revelam uma camada mais complexa do subúrbio, onde os bairros que o compõem possuem significados distintos e desempenham um papel central na identidade da cidade. O termo "subúrbio" assume significados diferentes dependendo de seu contexto de uso e das intenções políticas por trás dele. No Rio de Janeiro, as particularidades do subúrbio são marcantes e essenciais para sua compreensão.

4. Jacarezinho: uma favela suburbana?

A favela do Jacarezinho fica localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, na região conhecida como Grande Méier, no bairro do Jacaré, vizinha aos bairros de Benfica, Maria da Graça, Cachambi, Benfica e Manguinhos. Segundo o censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a estimativa da população é de 37 mil habitantes. No entanto, segundo moradores e líderes comunitários, a população estimada está entre 80 e 130 mil pessoas⁸. Para o pesquisador Bruno Sousa:

“Não tem dado atualizado e todos sabem que é muito mais do que diz o IBGE. Atuamos para fazer um censo. É uma das maiores favelas e também a com a maior concentração de pessoas negras”⁹.

4.1. Um pouco de sua história

Os primeiros registros de ocupação no local não são precisos. A ocupação da área se deu provavelmente no início do século XVIII, quando o Engenho Novo da Companhia de Jesus foi construído no local. A área pertencia à chácara Fazenda Velha, que no fim do século XIX teve sua área loteada. Segundo Rumba Gabriel, jornalista e importante liderança comunitária do Jacarezinho, as primeiras ocupações aconteceram bem antes de 1920, na parte alta do morro, pois aqueles primeiros moradores ainda estavam desconfiados dos capitães domato. Rumba conta que, antes de ser uma favela, o Jacarezinho abrigou negros que haviam fugido de fazendas próximas, como da Serra do Mateus, por exemplo:

“Quando o padre Alexandre Língua construiu o santuário Nossa Senhora da Conceição no Engenho Novo, anos depois, muitas ossadas de escravos foram encontradas”, diz Rumba. ”¹⁰

⁸ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/13/moradores-do-jacarezinho-relatam-abandono-e-ausencia-de-politicas-publicas-na-comunidade.ghtml> acessado em 23/05/23 as 12:04h

⁹ <https://www.jb.com.br/rio/2021/05/1030091-favela-do-jacarezinho-tem-historico-de-violencia-policial-por-vingancas.html> acessado em 23/05/23 as 12:01h

¹⁰ https://wikifavelas.com.br/index.php/Jacarezinho_Rio_de_Janeiro acessado em 23/05/23 as 12:00h

Jacaré, abrindo assim espaço para indústrias de pequeno e médio porte, que antes tinham como barreira à entrada os custos de aterro e drenagem do terreno. Com relação às grandes empresas, nesse período, se instalaram ali a Gillette, a Silva Pedrosa Rolhas Metálicas e a Companhia Nacional de Papel (Silva, 2008, p.69).

Ao final dos anos 1930, temos a eletrificação da Estrada de Ferro Central do Brasil, contribuindo para reduzir o tempo de deslocamento ao centro, o que contribuiu para o aumento da densidade populacional na área em estudo. Em meados da década de 1940, chega à segunda leva de migrantes, devido à construção da Estrada Rio-Bahia e o crescente aumento na oferta de postos de trabalho. Ainda durante a década de 1940, mais precisamente em 1946, com a inauguração da mencionada Avenida Brasil, houve um adensamento fabril e populacional no Jacarezinho (Silva, 2008, p.69).

O censo de favelas da prefeitura de 1948 indicava que, mais de 30% da população trabalhadora do Distrito Federal trabalhava diretamente no setor industrial. Destes, cerca de 50% moravam em favelas (Abreu, 1987, p.106). Logo, a partir das políticas de descentralização industrial, as favelas no subúrbio, em geral, surgem como territórios estratégicos, pela proximidade com indústrias e eixos de transporte. E, em especial, a favela do Jacarezinho, que incorpora parte das características citadas anteriormente para o subúrbio carioca, sendo fonte de mão de obra fabril barata e extremamente acessível.

Vargas adotou uma postura que foi na contramão da adotada na época em relação às favelas. Em relação ao território do Jacarezinho, tanto na promoção de ações que viabilizaram a instalação de indústrias no local e por consequência a criação de postos de trabalho, como também a assinatura de decretos doando terrenos da União ao Distrito Federal para que famílias locais os ocupassem. A partir disto, foi dado início a um período de “ocupação consentida”, com certa tolerância para se estabelecerem no Jacarezinho, porém sem uma transação com o devido respaldo jurídico (Ignácio, 2011).

No entanto, a favela de Jacarezinho sofreu algumas investidas de remoção, como em 1944, quando a Concórdia Sociedade Imobiliária Ltda. e a Fábrica

Unidas de Tecidos, Rendas e Bordados S.A entraram com uma ação na justiça de reintegração de posse do terreno. Em 1945, um grupo de lideranças locais foi ao Palácio Guanabara e conversou com Geraldo Mascarenhas, do Gabinete do Getúlio Vargas. Algumas informações — não oficiais — contadas por moradores locais é que Darci Vargas, esposa de Getúlio Vargas, intermediou a conversa com o gabinete de seu marido¹³.

Para Thiago (2003), no bairro do Jacaré, o fato de trabalho e moradia ocuparem o mesmo espaço físico fez com que as identidades locais, entendidas como relações travadas no ambiente privado da casa, estejam profundamente interligadas com o espaço da rua e do trabalho. Apesar de algumas menções às remoções, Jacarezinho se consolidou no espaço urbano e não contava com o mesmo controle empreendido pela prefeitura quanto à consolidação de suas casas. Ao contrário das favelas da Zona Sul da época, que mantinha ainda uma aparência precária, a favela do Jacarezinho já apresentava casas em alvenaria e já era conhecida como favela operária.

De acordo com Ignácio (2011, p.56), as propostas giravam em torno da polêmica “remoção” ou “urbanização”, e os moradores contavam com o apoio da General Elétric que, nesse momento, já empregava mais da metade dos moradores da favela. O Presidente Eurico Gaspar Dutra esteve inclusive na favela, em 1948, para ouvir as lideranças e conceder aos moradores a permanência na região¹⁴.

Em entrevista concedida a este trabalho,¹⁵ o ativista social e morador do Jacarezinho, Rumba Gabriel, narra suas lembranças da juventude, que acabam por ser fundir a história do território. O ativista reflete sobre como era visto o território no seguinte trecho da entrevista:

“Não tinha favela. É morro do Jacarezinho, Morro da Mangueira, Morro do São Carlos, sabe? Não era favela do Jacarezinho, a gente tinha até raiva quando falava “favela”. Porque “morro” já era muito ruim, “favela” era pior ainda. Olha que coisa interessante: ” morro” já era um lugar muito ruim, desgastado e pobre. E “favela” era um lugar mais pobre, para miserável. As construções eram de, já

¹³ <https://jacarezinhorj.blogspot.com/p/fundacao-do-jacarezinho.html> acessado em 23/05/23 as 11:07h.

¹⁴ <https://jacarezinhorj.blogspot.com/p/fundacao-do-jacarezinho.html> acessado em 23/05/23 as 11:07h

¹⁵ Entrevista concedida por Antônio Carlos “Rumba” Gabriel, no dia 28 de novembro de 2023.

naquela época, de compensados, e muito maior número de compensados e papelões. [...]

Já nos morros, você já tinha uma maneira de você atravessar com barro as madeiras e fazer as suas construções, que eram oriundas do Nordeste, principalmente na Bahia, que era onde concentravam grande número de negros. E estavam espalhados por Espírito Santo, Minas Gerais, por conta do café e vieram para cá. Então, vinha essa história com o Jacarezinho. Aí foi crescendo.” (Entrevista concedida por Rumba Gabriel no mês de novembro de 2023)

Carlos Lacerda, ao assumir o governo do Estado da Guanabara, instituiu o complexo industrial do Jacaré, em 1961, colocando a região no foco na geração de postos de trabalho novamente (Thiago, 2014, p. 56). A localização do complexo foi decidida por ser o Jacaré um bairro central, próximo da Avenida Brasil e de duas grandes vias arteriais, a Avenida 24 de Maio e a Avenida Marechal Rondon. Rumba Gabriel descreve o contexto do Jacarezinho em meados da década de 1960:

“ Naquele período o governo federal tinha um projeto chamado movimento brasileiro de alfabetização, o Mobral [*instituído pelo decreto nº 62.455, de 22 de março de 1968*], para as pessoas se alfabetizarem, porém, a tia Deiza já tinha feito o nosso Mobral a muito tempo

[...]A favela do Jacarezinho foi a primeira a ter seu desenvolvimento interno, com a fundação Leão XIII. Eles ofereciam a população dentistas, médicos gratuitos, fornecimento de cestas básicas, sendo fonte de empregos bem remunerados... Com isso o Jacarezinho começou a diminuir os seus barracos e desenvolver construções de prédios e casas. Todo final de semana tinha um mutirão para fazer a laje um do outro. Todo o movimento que o Jacarezinho tevebruto, foi dos moradores. Antes da criação do parque industrial no Jacarezinho, década de 1960... Senai oferecia os cursos, e as profissões, tinham salários bons. O Jacarezinho tinha em seu entorno nesse período 4 sindicatos, esses sindicatos promoviam o desenvolvimento dos trabalhadores. [Desenvolvimentos] sociais, culturais, educativos, a necessidade de você conhecer as leis, participar... Esses salários, esses ganhos, não são um favor, é sua mão de obra que foi parte disso não fiquem satisfeitos, fiquem sempre incomodados...

[...]

Milson Vicente Brito, meu padrinho, fundou a primeira comissão de luz, pois não tinha luz na favela. E depois fundou a primeira associação dos moradores do Rio de Janeiro. As lideranças de outras favelas vieram se chegando para cá ... Surgiu no meio dessas lideranças, o Irineu Guimarães, ele deu uma contribuição fortíssima nesse espaço, porque ele disse que precisamos fundar um movimento, já no contexto da ditadura militar, fim da década de 1960 para 1970. Foi formado dentro do Jacarezinho, com outras lideranças como o Diquinho, do Complexo do Alemão, o Irineu, o Milson Vicente de Brito, conhecido como Santinho, ele forma o MR8, o Movimento Revolucionário 8 de Outubro. E o que aconteceu de tão importante nessa época? Os revolucionários se reuniram no Jacarezinho... olha que coisa! O DOI CODI de olho... “Caramba, lá no Jacarezinho tem um

aparelho”... E as lideranças eram muito fortes, devido a força política que o Jacarezinho tinha, a única favela no Brasil que teve dois diretórios políticos, PDT E PT.” (entrevista concedida por Rumba Gabriel no mês de novembro de 2023)

Na área onde a população costumava ter acesso a oportunidades de emprego, passa-se a sofrer de forma mais acentuada os efeitos da crise econômica dos anos 1970 devido ao fim do milagre econômico. Essa crise foi ainda mais pronunciada no contexto da cidade do Rio de Janeiro diante do esvaziamento econômico da cidade após a transferência da capital para Brasília. Esse esvaziamento foi particularmente marcante na região onde se encontra a favela do Jacarezinho com o fechamento de fábricas e o crescimento do tráfico de drogas.

O início da década de 1990, durante o governo de Fernando Collor de Mello, foi o período que mais impactou a indústria brasileira, resultando em uma série de falências e fechamentos de empresas. No contexto do complexo industrial do Jacaré não foi diferente. Foi nesse momento que a maioria das indústrias localizadas na região reduziu significativamente o número de empregados, enfrentou falências ou optou por se transferir para outros estados.

Diante dessa conjuntura, o cenário do bairro passou por uma reestruturação. Os empregos oferecidos pela indústria deixaram de ser uma realidade, e outros setores, como o comércio, passaram a absorver essa mão de obra (Ignacio, 2011). Com o fim da presença marcante das indústrias no território do Jacarezinho, o que sobrou foi o estigma trazido pela presença do crime organizado no local.

Em dado momento da entrevista, Rumba cita a criação da atividade conhecida como “Gari comunitário”, que se deu na década de 1990, fruto do projeto Favela Limpa, de 1995. A atividade laborativa - Gari Comunitário – foi criada pelo Programa Favela Limpa da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, através da Companhia Municipal de Limpeza Urbana, a COMLURB, responsável pela política pública que executa os serviços de limpeza urbana das favelas deste município. A COMLURB terceirizou e descentralizou esses serviços a partir de 1995, através de convênios firmados de prestação de serviços com as

associações de moradores dos complexos que representam as comunidades locais nas favelas, as chamadas Associações de Moradores Gestores do Programa Favela Limpa (Figueiredo, 2010).

Os motivos alegados para a criação desta atividade foram primeiro, estar relacionado às dificuldades iniciais que esta empresa teve de entrar com seus equipamentos (caminhões, micro tratores, etc.) nas favelas. Áreas geralmente caracterizadas de difícil acesso, com ruas estreitas, vielas, morros, encostas. O segundo, de manter seus trabalhadores garis da *rua* regularmente nestas localidades. Seja pela falta de adaptação, pela alegada hostilidade causada pelos moradores aos trabalhadores que não são moradores locais, como também, e similarmente, a violência e o tráfico de drogas associada às favelas cariocas. A COMLURB não pode deslocar nem remanejar os trabalhadores que moram em um determinado bairro ou comunidade que é rival do comando do tráfico de outra onde ele poderia atuar por causa dos riscos contra a vida deste trabalhador.

Contudo, havia um diferencial para a contratação do Gari Comunitário. Para tal posição, apesar de ser um cargo público, o que pressupõe a participação de qualquer cidadão, era exigido que o Gari Comunitário deveria ser morador da favela, e um fator diferenciador é a questão da escolaridade. Esta não é exigida para a sua inserção no programa, o que já lhe confere um status social inferior ao gari da COMLURB da *rua*. Deste é exigida a conclusão do ensino fundamental.

Rumba usa este acontecimento para refletir sobre a diferenciação das políticas públicas voltadas para as favelas, que sempre mantiveram o caráter de segregação em relação as políticas direcionadas a outros territórios da cidade, porém que com as cobranças da população favelada, tomou traços pretensos de adaptabilidade as demandas do contexto deste território. O ativista declara:

“As favelas do rio de janeiro não são comunidades... comunidade é Méier, Madureira, Copacabana, Leblon, Grajaú... isso são comunidades... porque comunidade a cidadania existe.

Ninguém mete o pé na porta lá... se faltar energia elétrica... uh...é rápido. Sujeira? Rápido a Comlurb está ... para as favelas, eles criaram o gari comunitário.

Para você ter noção... gari é gari. Se é gari do asfalto, gari da favela... não é gari “comunitário”

O gari comunitário é para fingir... uma coisa paliativa

Nunca estrutural... nada estrutural para esse grupo, porque se fizer estrutura lá, o morro desce e não é carnaval... essa é a ideia do sistema. ” (Entrevista de Rumba Gabriel concedida em novembro de 2023)

Ao contrário da representação predominantemente negativa presente nos jornais e na mídia, a favela do Jacarezinho é um território pulsante, repleto de iniciativas culturais, educativas e sociais que refletem a resiliência e a criatividade de seus moradores. Enquanto as manchetes frequentemente se concentram na violência e na precariedade, o Jacarezinho abriga uma rica tapeçaria de projetos comunitários que promovem o desenvolvimento social e econômico da região. Essas iniciativas não apenas desafiam os estereótipos associados à favela, mas também destacam o potencial transformador presente em suas ruas.

A proprietária da Braba Produções, também multiartista compositora, funkeira, e mestra em Cultura e Territorialidades, Diana Anastácia¹⁶, apresenta uma curadoria produzida para este trabalho, de algumas das iniciativas culturais e potências do Jacarezinho, que merecem destaque, como:

- Braba Produções (Instagram: @abrabaproduz)

Criada em 2013 por Diana Anastácia, realiza produções culturais, artísticas, projetos para editais, oficinas, palestras e consultorias, principalmente para os *crias*, entendendo que temos pouco ou nenhum acesso à informação.

- Lab Jaca (<https://labjaca.com>)

O LabJaca é um laboratório de pesquisa, geração cidadã de dados e construção de narrativas sobre favelas e periferias, que busca traçar ações que representem as reais demandas dos moradores e das instituições locais. Foram importantes mobilizadores durante a pandemia, período em que o poder público

¹⁶ Funkeira, Dona da Braba Produções, compositora, professora de Filosofia (UERJ), mestra em Cultura e Territorialidades (UFF), realiza projetos culturais, aulas, oficinas, palestras e consultorias em assuntos antirracistas e contra hegemônicos a partir do Funk. Curadoria realizada em julho de 2023.

se ausentou completamente do território. O grupo iniciou suas ações realizando distribuição de cestas básicas e kit higiene para a população em vulnerabilidade social e hoje estão estruturados e seguem os trabalhos de forma ampliada e com investimento público de editais.

- Projeto NICA (Instagram: @nicajacarezinho)

Núcleo independente e comunitário de aprendizagem, é um projeto de educação antirracista, multicultural e democrático, voltado para a população de baixa renda, principalmente moradora de favela e negra, criado em 2019.

- Jacaré Facilitador (Instagram: @jcrefacilitador)

Negócio social que usa a ferramenta de moda, beleza e empreendimento para transformar. Fundado por Júlio César Lima, carinhosamente conhecido como Júlio Moda, morador e visagista de moda que há anos realiza eventos em busca de destacar talentos em favelas e periferias para tornarem-se modelos de grandes grifes do mundo. O espaço, um dos únicos locais que oferecia cursos de barbeiro, trancista, aulas de lutas e dança, teve que fechar suas portas devido a uma ocupação policial e violentas incursões que ocorreram durante os 31 dias do mês de janeiro de 2024. Júlio realizava eventos aos fins de semana como festas e bingos para pagar os profissionais e custos do espaço, precisou fechar por não conseguir manter a agenda de eventos.

- Jaca em Cena (Instagram: @jacaemcena)

Oficinas de teatro oferecido para crianças e jovens sob organização da atriz Natália Brambila, também moradora do território.

- Os Ousados (Instagram: @osousadosofi)

Bonde de funk que fez muito sucesso junto a Furacão 2000. A trajetória de dança do grupo incentivou diretamente a criação do grupo de Passinho Imperadores da Dança, mostrando a importância de termos referências culturais no território. Com a chegada da UPP, a primeira medida foi a proibição dos bailes, única opção de lazer para moradores e impulsionamento do comércio local.

- Os Imperadores da Dança (Instagram: @imperadoresdadanca)

Primeira família de Passinho Foda criada por Baianinho, dançarino do Jacarezinho. Hoje os Imperadores são liderados por Severo e Isaque que realizam treinos gratuitos aberto ao público há 10 anos e que incentivam a ascensão social das juventudes de favelas através da dança. Recentemente a dança oriunda dos bailes de favelas foi reconhecida como Patrimônio cultural imaterial do Rio.

- Tati Aleixo (Instagram: @taty.aleixo)

Cria do jaca, atriz e cantora de Funk recentemente participou do projeto Estude o Funk incentivado por editais públicos e realizado na Fundação Progreso.

- MC Nem (Instagram: @mcnemlider)

Funkeira conhecida pelo famoso “duelo das fiéis e amantes”, junto a MC Katia (em memória).

- CRJ

Centro de Referência da Juventude é um equipamento do estado localizado na parte alta do morro e oferece cursos e oficinas através das secretarias de cultura e esporte. O espaço foi reformado durante o programa Cidade Integrada, mas recebe constantes críticas de moradores que alegam que a oferta não atende a todos e ao invés de haver uma integração colocando moradores como profissionais envolvidos nas atividades, mantém uma relação impositiva ao invés de ouvirem as demandas locais.

Ao final deste capítulo, retomamos a pergunta com a qual iniciamos o mesmo: Jacarezinho, uma favela suburbana? Este trabalho procurou provar através da história e construção social espacial, que o Jacarezinho sim, é uma favela suburbana. Contudo, pode o Jacarezinho sintetizar a representação de todas as favelas suburbanas carioca?

Para esta pergunta, é essencial compreender a maneira como Pimentel e Carrieri (2011) analisam as relações entre espaço e identidade. Eles propõem que a identidade está profundamente enraizada no espaço que ocupa e nas interações sociais que esse espaço condiciona. Este conceito pode ser ampliado para entender as identidades dentro das favelas do subúrbio, como o Jacarezinho, onde a experiência dos moradores é igualmente moldada pelo espaço, mas de maneiras que não podem ser homogeneizadas a partir de um único caso.

Os autores defendem a “espacialidade” como uma dimensão fundamental na análise de identidade, destacando que o espaço não é um elemento neutro; ele é atravessado por forças políticas e ideológicas que moldam as relações sociais e as experiências vividas pelos indivíduos. Assim, as práticas de apropriação e exclusão, que demarcam quem tem ou não acesso a determinados lugares, também estabelecem limites simbólicos que configuram a relação dos moradores com seu território. No caso do Jacarezinho, essas dinâmicas contribuem para a formação de uma identidade particular dos seus residentes, mas não se aplicam a outras favelas suburbanas que possuem contextos e configurações socioespaciais distintas. Cada favela tem suas próprias práticas de delimitação simbólica e suas hierarquias internas, que variam de acordo com a história e as interações sociais do lugar.

Outro ponto relevante trazido pelos autores é o conceito de “percepção do espaço”, que evidencia como a identidade é construída pela memória coletiva e por representações simbólicas compartilhadas. Essas representações reforçam uma compreensão coletiva do espaço, que é particular a cada favela e não pode ser reduzida a uma única experiência de pertencimento, como a do Jacarezinho. Cada favela no subúrbio carioca possui uma percepção de espaço distinta, moldada por sua própria história, por suas dinâmicas internas e pelo contexto social mais amplo. Isso reforça que as identidades de moradores de favelas suburbanas são múltiplas e impossíveis de serem generalizadas a partir de um único território.

Por fim, a análise dos autores sobre a influência do contexto sócio-histórico e cultural nas configurações de identidade e espaço ressalta que o Jacarezinho

é apenas uma das várias expressões identitárias e territoriais das favelas suburbanas. Em cada favela, a relação com o espaço reflete divisões sociais específicas e condições de poder que variam conforme o contexto histórico e cultural de cada comunidade. Assim, Pimentel e Carrieri (2011), demonstram que as identidades do Jacarezinho não são universais, e nem podem representar outras favelas no subúrbio. As dinâmicas locais e as interações socioespaciais de cada favela criam identidades complexas e únicas, que tornam impossível homogeneizar o “ser favelado” a partir de uma única experiência.

4.2. O que é uma favela suburbana?

Alguns pontos foram pertinentes no pensar da construção do que definiria a favela suburbana enquanto categoria de estudo. Podemos iniciar tais considerações a partir de alguns conceitos defendidos por Milton Santos (2012). O primeiro deles é que diferentes espaços produzem diferentes tipos de cidadania. Embora haja uma conexão entre as experiências dos favelados cariocas em diversas partes da cidade, as peculiaridades espaciais definem diferenças importantes na vivência urbana e na construção identitária desses moradores. Santos (2012, p. 139) afirma que o território em que vivemos é mais do que um simples conjunto de objetos; ele é também um dado simbólico, onde a linguagem regional contribui para a criação de um amálgama simbólico de territorialidade, que não provém apenas de viver em um lugar, mas da comunhão com ele.

Quanto ao segundo ponto, Santos discorre sobre a relação entre o lugar e o valor do indivíduo, também podemos construir um paralelo com a distinção da experiência favelada no subúrbio em relação a outras ao redor da cidade. Para o autor, “cada homem vale pelo lugar onde está”, indicando que o valor de um indivíduo como produtor, consumidor e cidadão depende de sua localização no território. O autor discorre que indivíduos com capital, formação cultural e capacidade física equivalentes, ocupados em atividades similares, possuem possibilidades desiguais conforme os diferentes pontos do espaço em que se localizem.

Assim, a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em grande medida, do ponto do território onde se está. Enquanto um lugar pode ser condição de pobreza, outro poderia facilitar o acesso a bens e serviços devidos, mas muitas vezes ausentes (2012, p. 161). A partir dessa reflexão, um morador de favela, a depender do bairro onde a sua favela está localizada, terá seu valor enquanto cidadão, consumidor e produtor diferenciado daqueles que moram em favelas localizadas em áreas mais nobres da cidade.

Cabe ressaltar que durante a construção deste trabalho, pode-se constatar que certas favelas não dispõem de certos bens e serviços, então somente aqueles que podem se deslocar até onde esses serviços se encontram têm condições de consumi-los. Assim, pessoas desprovidas de mobilidade, seja por sua atividade ou recursos, devem resignar-se a não utilizar tais bens e serviços. (SANTOS, 2012, p. 171).

Outro pilar em que a construção desta categoria de estudo se pavimenta, se encontra com a máxima de Rodrigo Bertamé (2016): a formação desigual dos espaços, tanto nos subúrbios quanto nas favelas cariocas, propicia o terreno para a formação de novas subjetividades e potências, mediante os laços de afeto. Para o autor, quando nos referimos aos subúrbios cariocas e como definimos qual local pertence ao subúrbio, os elementos que usamos para distinguir tal experiência estão sempre conectados às relações entre seus moradores.

Quando Bertamé constrói sua tese sustentada pela ótica de que os afetos produzem outra forma de viver— característica intrinsecamente presente na construção do ideário de subúrbio carioca—, cita Cerasoli (2009, p. 26), que sugere que a noção de periferia pode ser um "modo de vida" repleto de subjetividades. Os subúrbios cariocas, mesmo não correspondendo diretamente a um dualismo centro-periferia, representam um recorte socioespacial na cidade ao excluir do seu campo de significações bairros pericentrais direcionados à elite carioca.

Ademais, Bertamé subscreve que quanto mais suburbana a favela, mais complexa será sua luta pelo direito à cidade. No Rio de Janeiro, o direito à cidade

é visto como direito ao consumo, ao ter poder de consumir, se tem o poder de acessar os melhores recursos quanto a infraestrutura e bens culturais que a cidade oferece, o que reflete na qualidade de vida de seus moradores. A palavra subúrbio ganhou um sentido cultural no cotidiano carioca, sendo uma metáfora que engloba um conjunto de representações e significações vivas na coletividade, ainda que heterogêneas. O topônimo Subúrbio Carioca evoluiu de significar um recorte espacial da cidade para a classificação de um conjunto de modos de vida.

Na pesquisa realizada pelo autor, ao perguntar a moradores de Copacabana se este poderia ser considerado subúrbio, os estereótipos enraizados na memória coletiva, influenciados por representações em músicas e novelas, de um lugar bucólico e pacato dizem que não. Contudo, na pesquisa realizada para este trabalho, que seguiu o mesmo molde dos métodos utilizados pelo autor citado, os moradores do Jacarezinho percebem uma relação de proximidade e afeto construída enquanto suburbanos, motivada pela escassez. A realidade favelada atravessa impasses quanto ao acesso a recursos básicos, e a afetividade transforma relações de vizinhança em redes de apoio. Bertamé observa que os entrevistados suburbanos não associam bairros elitizados com características de subúrbio, enquanto áreas com sinais de favelização e decadência social são associadas a bairros suburbanos (2016, p.101).

O autor também aponta que para os entrevistados que se autodeclaram suburbanos, o que remete a características de um bairro “rico e elitizado” — como por exemplo acesso a teatros e museus, transporte público farto, maior gama de lugares como referência turística, etc. — não pode ser considerado suburbano. E que áreas que apresentam características relacionadas a favelização e “decadência social” do bairro, são associados a bairros do subúrbio. Características essas que fazem parte da construção dos elementos das ideias quanto ao que é uma favela.

Vale ressaltar que, ao se refletir sobre o subúrbio carioca, esses são os valores e estigmas comumente atribuídos a essa localização. No entanto, ao pensarmos nos lugares que materializam esses valores, é comum serem evocados locais como Jacarezinho, nos quais a escassez de serviços básicos e

infraestrutura urbana é evidente. Esses locais são frequentemente associados à imagem estereotipada de um subúrbio carente e marginalizado.

Segundo Silva (2011), é um equívoco considerar a existência de uma única forma de “ser favelado”, visto que além da variedade de orientações que provêm dos estímulos e influências recebidos no desempenho de papéis definidos fora das favelas, não se pode ignorar que a organização desses espaços é de uma complexidade impressionante, proporcionando, assim, as bases internas para uma nítida diferenciação social. Logo, qualquer análise das atitudes e comportamentos dos favelados que se pretenda objetiva, deve partir da noção de que a favela é uma organização transversal, isto é, tem uma base geográfica, em geral, bastante definida que envolve uma extensa gama de atividades e situações e apresenta profundas conexões com outras organizações e atividades, em uma extensão territorial mais ampla (Silva, 2011).

Curiosamente, existem outras áreas no subúrbio carioca que também apresentam características como distância do centro e conexão com ferrovias ou a Avenida Brasil, mas não nos remetem à mesma escassez. Nesses lugares, já é possível encontrar comércios, atividades econômicas e sistemas de transporte mais desenvolvidos. Essa diversidade de realidades no subúrbio carioca evidencia a necessidade de uma análise mais ampla e contextualizada, além de superar generalizações simplistas.

A experiência de ser um morador de favela no subúrbio significa a sobreposição de identidades urbanas. Ambos compartilham alguns aspectos, como o estereótipo atribuído à favela e aos seus habitantes, marcado pela escassez, falta de acesso à educação e outros direitos e serviços, além da sensação de não se adequarem ao “código de conduta social” do que é considerado “urbano”.

No entanto, é importante ressaltar que as experiências destes moradores de favela podem ser drasticamente diferentes quando se trata de acesso a lazer, cultura, oportunidades de emprego, qualidade de serviços, transporte, etc. Esses fatores podem moldar significativamente a experiência e a identidade de ser um morador de favela no subúrbio, em comparação com aqueles que residem em

favelas situadas em áreas centrais e mais privilegiadas da cidade, onde tais recursos são mais abundantes, mesmo morando em favelas.

Dessa forma, é necessário considerar como essas disparidades influenciam a vivência diária dos favelados em diferentes regiões da cidade, afetando sua qualidade de vida, perspectivas futuras e percepções sobre si e sua comunidade, mas que tal realidade pode ser reforçada quando inserimos a realidade de morar em uma favela suburbana. Ao explorar essas diferenças, esta pesquisa objetiva possibilitar a compreensão da experiência de ser um favelado suburbano e como ela se diferencia da experiência de favelados em outras áreas da cidade.

4.3. Jacarezinho: favela e subúrbio

Ao usar o exemplo da vivência da favela do Jacarezinho como estudo de caso, a fim de estabelecer a categoria de estudo favelas suburbanas, utilizamos neste trabalho as entrevistas com moradores da favela, com o intuito de comprovar ou não as hipóteses pré-estabelecidas quanto a construção da identidade destes moradores se entrecruzar com o ideário do que é ser favelado e suburbano, no contexto da cidade do Rio de Janeiro.

O surgimento e o crescimento do Jacarezinho estão intrinsecamente ligados à dinâmica de desenvolvimento econômico da cidade do Rio de Janeiro, representando uma resposta à demanda por moradia em uma cidade em expansão. Para Raquel Rolnik (2017), o impulso de modernização vivido no Brasil, entre o final dos anos 1960 e meados dos anos 1970, não foi além da concretização de um processo rápido de industrialização. A notória transformação do aparato produtivo não foi acompanhada por um crescimento generalizado dos salários, nem por qualquer evolução substancial no que diz respeito à garantia de direitos sociais pelo Estado.

Nesse contexto, as favelas, como o Jacarezinho, surgiram como uma resposta aos desafios enfrentados pela população de baixa renda, que buscava acessar o mercado de trabalho e garantir um espaço para moradia em uma

cidade em crescimento desigual. A falta de políticas públicas efetivas para atender a essas demandas levou ao desenvolvimento de assentamentos informais, como o Jacarezinho, que se tornaram uma alternativa para muitos indivíduos e famílias em busca de uma moradia acessível. Portanto, a expansão do Jacarezinho está enraizada na interseção entre a dinâmica econômica da cidade e a falta de políticas habitacionais adequadas, refletindo a realidade social e econômica mais ampla do Rio de Janeiro.

Após o declínio da atividade industrial no Brasil, no final da década de 1970, surgiram entraves que abriram espaço para a informalidade nas relações econômicas e sociais. Diante desse cenário, territórios como o Jacarezinho tornaram-se áreas onde a presença e a eficácia do Estado eram limitadas, criando condições propícias para a atuação de grupos criminosos (Paulino, 2017, p. 38).

Nas entrevistas realizadas como processo de construção deste trabalho, a maioria dos entrevistados reside desde o nascimento no Jacarezinho, porém uma minoria relata que residia no local por pelo menos 6 anos. Destes, 70% dos entrevistados consideram que a favela mudou durante o período em que residem no local. A maioria dos entrevistados nasceu nas últimas quatro décadas. Relatam mudanças quanto a estética da favela, hábitos como as brincadeiras das crianças; obras com a implantação do programa Cidade Integrada; chamam atenção também para o fluxo migratório, muitos moradores saíram e muitas chegaram. Logo, este contexto de permanentes mudanças espaciais econômicas e populacional moldou a experiências dos moradores do Jacarezinho de uma forma diferenciada, conforme Santos (2012) discorre quando aborda sobre amálgama simbólico de territorialidade, que não provém apenas de viver em um lugar, mas da comunhão com ele.

O crescimento das facções criminosas na região está intimamente relacionado à extrema vulnerabilidade social e ao baixo interesse estatal, visto que são caracterizadas pela marginalização e pela falta de valorização imobiliária e econômica. Desde os anos 1980, o Jacarezinho e as favelas próximas têm sido dominados pelo crime organizado, tornando-se uma das áreas mais tradicionais controladas por facções na cidade. Nesse contexto, a

ausência de políticas públicas efetivas e a falta de investimento por parte do Estado contribuíram para a consolidação do poder do crime nessas localidades.

As práticas estatais, que visavam supostamente combater o crime, acabaram por reforçar estigmas e preconceitos contra o Jacarezinho e outras favelas também. O resultado foi a intensificação do estigma territorial das periferias e favelas, o qual se tornou um elemento central de uma cultura urbana excludente. Esse estigma foi reforçado ao longo dos anos 1990 e reinventou-se no novo milênio, mesmo diante dos avanços de renda e emprego que proporcionaram um aumento no consumo das classes populares. Essa situação ocorre, em parte, devido ao caráter político-militar-territorial do comércio de drogas, que se camufla nas áreas residenciais populares, transformando as favelas e periferias em sinônimo de insegurança e, conseqüentemente, alvo constante de políticas de segurança. Essa associação entre o tráfico de drogas e as comunidades marginalizadas, acaba perpetuando a marginalização socioespacial, e consolidando a visão estereotipada e discriminatória em relação a essas áreas urbanas.

Quando Santos (2012, p. 161) declara que “cada homem vale pelo lugar onde está”, podemos relacionar com este estigma relacionado ao território, que está presente na construção identitária dos moradores do Jacarezinho. Os entrevistados relatam que a presença constante do Estado através do seu braço armado, impacta nos acessos aos recursos públicos oferecidos. E a ideia marginalizada que se construiu em torno do território também impacta na sua relação com o território e o sentimento de pertencimento, orgulho de ser morador do território. Nestas declarações dadas pelos dos entrevistados, podemos constatar:

“Devido a toda violência que ocorre a qualquer momento, sem um aviso, muitos projetos que foram criados, acabaram tendo o seu fim pouco tempo depois da sua implantação. Não dando tantas oportunidades para os moradores como é possível ver em outras comunidades do Rio de Janeiro (Entrevistado 11, março 2024). ”

“Após a instalação da UPP muita coisa mudou. De forma positiva podemos dizer que os equipamentos públicos como creches (EDI),

escolas, Clínica da Família e UPA atendem até hoje a população. Em contrapartida, a presença da polícia no território, seja no período da UPP, seja na última ocupação que iniciou com o programa Cidade Integrada em 2022, influência de forma negativa moradores e comerciantes (Entrevistado 8, março 2024). ”

Quanto ao acesso aos transportes ofertados à favela, a maioria dos entrevistados concorda que há uma grande oferta e fácil acesso a vários meios de transporte, como trem, metrô, ônibus, porém a depender da localização dentro da favela, as que tem mais fácil acesso as vias de acesso, já a grande parte dos moradores precisa fazer uma longa caminhada de pelo menos 20 minutos até os locais de acesso a esses transportes.

Apesar da grande oferta de meios de transportes ao território, há uma crise que se manifesta intensamente nas cidades, especialmente no tema da mobilidade. Rolnik (2017) defende que um modelo de cidade que concentra oportunidades de desenvolvimento econômico e humano em áreas restritas do território, onde vivem e circulam os segmentos de alta renda, tem sido historicamente alimentado por políticas que favorecem a circulação de automóveis particulares e um sistema de transporte coletivo baseado em ônibus de baixa qualidade. No caso do subúrbio carioca, os custos e a precariedade dos transportes influenciam diretamente no cotidiano dos moradores e forjam a própria experiência urbana dos suburbanos. Essa dinâmica contribui para aprofundar as desigualdades e a crise urbana, especialmente no que diz respeito à mobilidade e ao acesso aos serviços essenciais. Essa situação reforça a condição da favela do Jacarezinho enquanto suburbana, devido aos estereótipos associados aos subúrbios, como áreas de difícil locomoção, carentes e dependentes das áreas centrais.

Em relação ao acesso ao lazer, os entrevistados relatam que as principais atividades de lazer estão ligadas a atividades como ler, assistir séries e filmes, ou quando são atividades que necessitem de deslocamento, como acesso a museus e teatros. O acesso é dificultado pois apesar de a localidade da favela ter muita oferta quanto aos meios de transporte, durante os fins de semana a

dinâmica dos horários e a oferta é diferenciada, o que limita ou torna a locomoção mais difícil. E alguns até relataram que os ônibus se negam a parar nos pontos próximos à favela.

Os moradores narram que, tanto quanto ao acesso a lazer, tanto quanto a dinâmica do dia a dia no deslocamento na cidade, suas vidas ficam paralisadas quando há operação policial. O que não é uma realidade única das favelas suburbanas, porém, que as favelas localizadas em áreas lidas como subúrbio são mais frequentes.

Segundo levantamento do Instituto Fogo Cruzado¹⁷, somente no mês de junho de 2024, a região metropolitana do Rio de Janeiro concentrou 213 tiroteios/disparos de arma de fogo. Entre os 213 tiroteios ocorridos no mês, 41% deles (88) se deram em ações e operações policiais. Já em junho de 2023, dos 292 tiroteios, 32% deles (94) ocorreram nas mesmas condições. Seis regiões contemplam a região metropolitana do Rio de Janeiro. A distribuição da violência armada entre elas ficou da seguinte forma: Zona Norte (Capital): 92 tiroteios, 19 mortos e 30 feridos.

Indagados quanto à locomoção na cidade quando estamos pensando em lazer, seria mais fácil se eles morassem em outra localidade, 60% responderam que sim. Uns relacionaram esse fato ao de que a maioria das ofertas de lazer se localiza no centro e zona sul, logo muitos têm opções limitadas e escolhem um lazer que seja mais próximo ao Jacarezinho, ou que possam ser acessados pelos transportes disponíveis à favela e que não precisem usar carros de aplicativo para acessar, pois esse serviço é inacessível muitas vezes pelos moradores, pela recusa dos motoristas de aceitarem passageiros que têm como destino ou partida o Jacarezinho.

Quando perguntado aos entrevistados se a locomoção seria mais rápida ou com maior oferta caso morassem em outros bairros na cidade, quando estamos pensando no dia a dia, em se dirigir ao posto de trabalho, por exemplo, 55,5% declaram que sim, devido às suas atividades como trabalho e estudo serem localizadas ao entorno do Jacarezinho. Logo residir em outros bairros

¹⁷ <https://fogocruzado.org.br/dados/relatorios/grande-rio-junho-2024> Acesso em: 08 jul. 2024 as 14:56h.

impactaria no tempo de locomoção. Mas, quando hipoteticamente pensam que se ao atender às suas atividades do dia a dia, precisassem de se locomover para outros bairros, morar na Zona Sul foi citado como um exemplo de facilidade e locomoção aos postos de trabalho ou estudo devido à maior oferta de diferentes meios de transporte. Os outros 33,3% declaram que não, pois consideram o bairro do Jacarezinho bem servido quanto a oferta de transporte, e os 11.1% restantes não souberam responder.

Foi perguntado aos entrevistados o que o Jacarezinho tem de diferente de outras favelas, o primeiro ponto ressaltado é que o Jacarezinho é uma das, senão a favela que mais concentra a população preta da cidade. A presença da arte e cultura, através da escola de samba Unidos do Jacarezinho, foram diferenciais destacados pelos moradores, além da grande oferta de transporte público e o comércio local que é muito diverso e muito presente no local. Mas, de uma forma unânime, foi destacada a presença ostensiva do Estado através das operações policiais, em contrapartida à insípida existência de aparelhos estatais que promovam o acesso à saúde, educação e atividades culturais.

A constatação desses oradores é que muitos projetos se instalam na comunidade, porém não são duradouros, e a presença de organizações da sociedade civil é bem escassa, diferente de outras comunidades consideradas suburbanas. Outro ponto apontado como diferencial é o comércio. Devido à variedade, não há necessidade de deslocamento, pois encontra-se uma grande variedade de produtos e serviços no território. Algo que não vemos, por exemplo, em Manguinhos ou na Mangueira, favelas que ficam nas proximidades.

Quando foram perguntados sobre o que era subúrbio para eles, as primeiras características comuns nas respostas foram a associação a bairros distantes das áreas centrais da cidade e com pouca infraestrutura. Porém, foram também relatadas definições como:

“Resiliência, cultura, ancestralidade, aprendizagem e conhecimento [...] Em muitos contextos, o suburbano precisa se reinventar, criar e a maneira como leva a vida em meio às diversidades presentes é admirável, apesar das romantizações... (Entrevistado 1, março 2024) ”;

“Gente se ajudando, cerveja gelada e um samba raiz nas esquinas. ”
(Entrevistado 2, março 2024);

“É um local mais "acessível" para pessoas com baixa renda”
(Entrevistado 9, março 2024).

A minoria, 20 % dos entrevistados, tiveram respostas divergentes ao senso comum sobre os estereótipos relacionados ao subúrbio: alguns responderam que o subúrbio é um conjunto de favelas, já os outros responderam que o subúrbio são bairros nobres. Demonstrando que no contexto carioca o ser suburbano assume diversas nuances.

Agora, quando lhes foi perguntado se os moradores entrevistados se consideravam suburbanos, 80% declarou que sim, e 20% se declarou como favelado. Aqui talvez podemos entender as minúcias que a diferença entre subúrbio e periferia podem ser expressas, pois, principalmente no contexto carioca, alguns bairros são considerados suburbanos apenas pela sua localização, porém há dentro do próprio bairro uma diversidade bem discrepante de realidades, hábitos de consumo e acessos a recursos, como o caso da Ilha do Governador, que possui bairros nobres e favelas, mas, ainda assim, é considerado suburbano quanto à sua localização na Zona Norte e distância das áreas centrais da cidade, por exemplo.

Os entrevistados foram perguntados se eles consideravam o Jacarezinho um bairro suburbano, 90% dos entrevistados se consideram suburbanos pelos seguintes motivos:

“Por conta da ocupação territorial somada a movimentação dos moradores e os hábitos presentes no espaço” (Entrevistado 5, março 2024);

“Pois não está no centro ou na zona sul, o que acaba dificultando o acesso a diversos locais. ” (Entrevistado 2, março 2024);

“Pela diversidade e dificuldades presentes” (Entrevistado 3, março 2024);

“Pois fica localizado numa parte mais pobre do Rio e também acaba passando despercebido” (Entrevistado 9, março 2024).

No final da entrevista, todos os moradores foram questionados se se identificavam mais como moradores do Jacarezinho, moradores do subúrbio, ou os dois. Dos entrevistados, 80% se consideram os dois, pois se sentem influenciados pela localização do bairro Jacarezinho, pela influência cultural e os hábitos presentes no dia a dia tanto do Jacarezinho quanto dos bairros das redondezas, que são considerados suburbanos; assim como o impacto da violência e da falta de infraestrutura que também é um traço associado aos bairros suburbanos.

Rumba Gabriel afirmou quando questionado se se identifica enquanto morador do Jacarezinho ou do Subúrbio:

“Eu me considero um favelado suburbano, porque o Jacarezinho tá dentro do Subúrbio. [...] O termo subúrbio era tipo pejorativo. [...] não, agora é Zona Norte (...). Zona Norte é na Tijuca, Grajaú, Méier (...). E o subúrbio era aqui... as favelas... Jacarezinho, Manguinhos... então eu me considero um favelado suburbano. A gente não pode mudar a realidade” (entrevista concedida em novembro de 2023).

Os que não se identificavam como moradores do subúrbio, e sim da Favela do Jacarezinho, alegaram que a ideia de subúrbio não está relacionada à ideia de “comunidade”. Embora o termo comunidade tenha designado as favelas também para substituir os estigmas vinculados às favelas, o uso desse termo se manifesta como um eufemismo, uma forma de marginalizar o termo “favela”. Rumba Gabriel, por exemplo, desenvolve esta questão, como trabalhado anteriormente no trecho de sua entrevista, presente no capítulo quatro.

A partir das reflexões apresentadas sobre as definições de favela e subúrbio carioca, podemos enquadrar o Jacarezinho como uma favela suburbana, com base em suas características associadas aos subúrbios, sobretudo em relação à história operária dessa favela e a sua localização no coração do subúrbio.

5. Conclusão

Durante o processo de elaboração deste trabalho, constatou-se que, apesar das muitas discussões sobre o tema, a experiência de morar em uma favela é frequentemente retratada de forma simplista, reduzida a estereótipos de escassez, pobreza e violência. Ademais, a ideia que se construiu sobre o que é ser favelado é perpetuada em torno do imaginário comum das favelas localizadas nas áreas centro-sul da cidade do Rio de Janeiro, com suas características verticais predominantes, a ocupação de áreas de morros e sua forma diferente de acessar os recursos que a cidade oferece, entre outras distinções. É crucial reconhecer que as favelas não são todas iguais, e não há uma única maneira de ser favelado. Embora a representação social das favelas associe sistematicamente seus moradores a um padrão de marginalização, a vivência em uma favela está repleta de símbolos e diversidade.

Podemos perceber que as favelas localizadas nas zonas nobres da cidade foram até o momento as mais estudadas, devido ao contraste produzido dentro um espaço elitizado, coexistindo modos de vida tão distintos. Devido a isso, este trabalho intuiu a importância de direcionar o enfoque acadêmico a favelas situadas em outros bairros da cidade. Definir e especificar a experiência das favelas suburbanas é importante para demonstrar a heterogeneidade desse universo. Da mesma forma, estudar as favelas localizadas nos subúrbios, com suas especificidades, permite dar maior visibilidade à realidade desses espaços para construir políticas mais específicas para essas realidades.

Conforme Souza (2013), a relação de distinção entre o que é concebido e percebido como dentro e fora da ordem urbana é expressa, de modo contundente, nas e pelas representações hegemônicas que, por sua vez, promovem uma hierarquização territorial preconceituosa e discriminante para com a favela e seus moradores. Isto é igualmente válido. Souza afirma que:

“Nesse sentido que o processo de distinção no espaço urbano se apresenta como distanciamento ontológico (corpóreo e territorial) entre o mesmo hegemônico e o outro subalternizado, radicalmente descrito no binômio “asfalto/favela”, como marcação de hierarquias entre seres humanos e de distribuição de direitos da cidadania”. (Souza, 2013, p.122)

No desenvolvimento do capítulo 2, sobre a definição de favela, a colocação de Souza (2013) reforça a representação histórica feita sobre as favelas cariocas e seus moradores, que não se encaixava na lógica higienista e racista que se moldava, sobre a concepção da imagem turística de “Cidade Maravilhosa” que se queria construir desde o início do século XX.

Na construção de uma cidade, argumenta Souza (2013), que as relações sociais se entrelaçam com o espaço, criando uma dinâmica onde a cidade é tanto uma manifestação física quanto simbólica da sociedade. Para o autor, a cidade enquanto um espaço de encontro e constituição das diferenças, é marcada por uma diversidade de identidades, onde a relação entre o ator e o território é central. Tal relação é particularmente evidente no contexto do Rio de Janeiro, onde o imaginário do subúrbio se converge e diverge ao que se entende por periferia. O conceito de "ser suburbano" no Rio de Janeiro abrange múltiplas identidades, incluindo a identidade favelada, caracterizada por uma resiliência diante das adversidades estruturais.

Embora as favelas cariocas compartilhem certas experiências, as peculiaridades espaciais de cada bairro criam distinções significativas na vivência urbana e na construção identitária dos moradores. Por exemplo, o valor social de um morador de favela pode variar significativamente dependendo da localização da favela na cidade. As favelas suburbanas, em particular, exemplificam como a formação desigual dos espaços influencia a vida dos seus habitantes, moldando suas subjetividades e criando novas potencialidades por meio dos laços de afeto e resiliência que se desenvolvem em resposta às condições adversas.

Souza (2013) destaca que as favelas, embora muitas vezes vistas como homogêneas, são na verdade complexas e diversificadas. Cada favela possui suas próprias características, seja em termos de morfologia, inserção

econômica, ou acesso a serviços públicos. Essa diversidade reflete a complexidade das lutas populares nas cidades, onde os moradores inventam formas únicas de proteção, solidariedade e resistência contra a exclusão e a violência institucional.

Esta correlação pode ser estabelecida com o que é instituído enquanto o que se define enquanto “subúrbio” e “periferia”, que acabam por terem pontos de convergência com o ideário das favelas, principalmente as localizadas no subúrbio. Entretanto se divergem no ponto em que o “asfalto” que separa essas duas realidades — subúrbio e periferia, que se aproximam mais do que é descrito por *comunidade* para alguns entrevistados deste trabalho — não abarcam o uso do território favelado e sua dinâmica particular, quanto por exemplo a presença armada do Estado.

A experiência de ser um favelado suburbano, portanto, é marcada por uma sobreposição de identidades urbanas. Tanto os moradores do subúrbio quanto os favelados enfrentam estigmas associados à escassez e à falta de acesso a direitos básicos, assim como tem como premissa de seu cotidiano a adaptabilidade e a potência da inventividade. No entanto, viver em uma favela suburbana acentua essas disparidades, influenciando profundamente a qualidade de vida, as perspectivas futuras e as percepções de si mesmos e de suas comunidades.

Ao explorar essas diferenças, esta pesquisa busca proporcionar uma compreensão mais profunda da experiência de ser um favelado suburbano, distinguindo-a das experiências vividas em outras partes da cidade. O estudo do Jacarezinho, como exemplo de favela suburbana, destaca como a identidade dos moradores é moldada não apenas pela condição de viver em uma favela, mas também pela localização específica dentro da estrutura urbana do Rio de Janeiro. Assim, é possível entender como as políticas públicas e a urbanização influenciam diretamente a vida cotidiana desses indivíduos, reforçando ou mitigando as desigualdades sociais.

O estudo do Jacarezinho como uma favela suburbana revela a complexidade das relações socioespaciais e das identidades urbanas na cidade

do Rio de Janeiro. O processo histórico que levou ao surgimento e crescimento dessa comunidade está profundamente ligado a dinâmica econômica e política da cidade, refletindo as desigualdades e exclusões geradas pelo desenvolvimento urbano. A expansão da cidade, aliada à ausência de políticas públicas efetivas, resultou na consolidação de territórios como o Jacarezinho.

As entrevistas realizadas com os moradores revelam uma percepção aguçada sobre as transformações no território, não apenas no que diz respeito às condições físicas, mas também às mudanças sociais e culturais que moldam a vida cotidiana na favela. A percepção dos entrevistados sobre o aumento da presença do Estado, especialmente através de operações policiais, sem a contrapartida de investimentos em saúde, educação e cultura, destaca a natureza ambígua da presença estatal nesses territórios.

O programa Cidade Integrada¹⁸, lançado em 2022, destacou-se pela ocupação militar das favelas do Jacarezinho e da Muzema, sem consulta prévia à população local. Apesar de referências a metas de desenvolvimento sustentável, o programa foi implementado sem orçamento próprio, redirecionando recursos de outros territórios e não oferecendo novos investimentos específicos. Seu foco principal foi a ocupação policial, lembrando as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), mas em escala reduzida e sem os investimentos que marcaram as UPPs.

A escolha dos territórios pareceu uma resposta midiática a tragédias recentes, como a chacina do Jacarezinho em 2021, que resultou na morte de 28 pessoas durante uma operação policial. Esta ação, descrita como a mais letal da história do estado, ocorreu durante uma liminar do STF que restringia operações policiais, mas foi apoiada pelo Governador do Estado e pelo Presidente da República.

O programa Cidade Integrada prometeu uma série de iniciativas sociais e de infraestrutura, como parte de suas diretrizes, incluindo programas de assistência emergencial, capacitação profissional, regularização fundiária, e

¹⁸ Avaliação sobre os impactos do programa Cidade Integrada produzido pelo Instituto LabJaca, Agosto de 2022. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1jCh1YskCPdYNzVB-AL8XIfgY2NikFORv/view>

melhorias habitacionais. Entre os programas anunciados estavam o SuperaRio, Vale Gás, Desenvolve Mulher, Renda Melhor Jovem, e Casa da Gente. No entanto, muitos desses projetos, que já existiam em outras pastas do governo, não foram implementados ou foram descontinuados ao longo do tempo. Por exemplo, o programa Desenvolve Mulher, que visava capacitar mulheres em áreas como trançado e micropigmentação, foi interrompido devido a atrasos nos pagamentos dos professores.

No decreto mais recente, o Cidade Integrada foi reduzido a apenas dois projetos: a Horta Comunitária, que já existia antes da implementação do programa, e o Na Régua, focado em pequenas reformas habitacionais. Essa descontinuidade e falta de implementação refletiram a limitação do programa em cumprir as promessas feitas inicialmente, resultando em uma percepção de abandono por parte da população local.

Os moradores do Jacarezinho, em sua maioria, desaprovam o Cidade Integrada, relatando que a presença policial aumentou a sensação de insegurança, prejudicou o comércio local e limitou atividades de lazer. Muitos também denunciaram abusos pela polícia, como invasões de domicílios sem mandado judicial e subtração cometidos de bens. A falta de novos projetos ou serviços, além da repressão policial, reforça a percepção de que o programa se limitou à ocupação militar, sem trazer melhorias significativas para a comunidade.

O estudo do Jacarezinho como uma favela suburbana revela a complexidade das relações socioespaciais e das identidades urbanas na cidade do Rio de Janeiro. O processo histórico que levou ao surgimento e crescimento dessa favela está profundamente ligado a dinâmica econômica e política da cidade, refletindo as desigualdades e exclusões geradas pelo desenvolvimento urbano. A expansão da cidade, aliada à ausência de políticas públicas efetivas, resultou na consolidação de territórios como o Jacarezinho, onde a precariedade habitacional e a falta de infraestrutura são marcantes. Este cenário exemplifica como a configuração dos subúrbios cariocas é essencial para entender as favelas suburbanas como uma categoria única de análise.

Retomando a ideia de Milton Santos (2012), o território ganha significado quando utilizado socialmente, ultrapassando sua concepção meramente formal para se constituir como um espaço socialmente demarcado pelas ações e intenções dos sujeitos sociais. Nesse contexto, o território da favela não é apenas um lugar físico, mas um espaço de experiências compartilhadas que revelam a profundidade das vivências e das lutas de seus moradores. A favela do Jacarezinho, como parte integrante dos subúrbios cariocas, ilustra essa complexidade.

As favelas suburbanas, como o Jacarezinho, destacam-se como um exemplo claro dessa dinâmica, onde a localização geográfica e a história particular do território, — seu passado fabril e presença marcante do que se constituiu enquanto modo de vida do subúrbio ferroviário — se entrelaçam com a identidade dos moradores. Ao considerar a favela como parte integrante da cidade, mas com uma história e dinâmica próprias, somos desafiados a enxergar esses espaços para além dos estereótipos e homogeneizações. As favelas suburbanas expressam as contradições da urbanização e as desigualdades sociais, sendo fundamentais para a compreensão do espaço urbano brasileiro. Neste sentido, o Jacarezinho emerge como um paradigma para a consolidação da categoria de estudo, revelando a importância de se reconhecer a especificidade das favelas localizadas no subúrbio dentro do tecido urbano.

As entrevistas realizadas com os moradores revelam uma percepção aguçada sobre as transformações no território, não apenas no que diz respeito às condições físicas, mas também às mudanças sociais e culturais que moldam a vida cotidiana do Jacarezinho. Como analisado no capítulo sobre a história do Jacarezinho, apesar de muitos dos entrevistados não terem a vivência da fase industrial que o território vivenciou, as marcas deste período onde trabalho e moradia ocuparem o mesmo espaço físico permaneceram. As mudanças em relação ao grande fluxo migratório presente nas favelas, aos serviços de infraestrutura uma vez oferecidos em decorrência da presença fabril — e que nas últimas quatro décadas vem sendo de responsabilidade estatal — sempre são ressaltadas, visto que hoje a oferta destes serviços é bem diferente de como um dia foi.

A percepção dos entrevistados sobre o aumento da presença do Estado, especialmente através de operações policiais, sem a contrapartida de investimentos em saúde, educação e cultura, destaca a natureza ambígua da presença estatal nesses territórios. Essa realidade reforça o pertencimento da favela suburbana num espectro de construção identitária diferente em relação ao morador da favela de outras áreas da cidade, que possam vir a ter uma relação diferente com a presença estatal.

Além disso, a identidade dos moradores do Jacarezinho se entrelaça com o ideário de ser favelado e suburbano, como desenvolvido no capítulo sobre a favela suburbana, uma dualidade que reflete as contradições do espaço urbano carioca. Embora muitos moradores se identifiquem como suburbanos, reconhecendo a localização geográfica e a proximidade com os bairros suburbanos tradicionais, a maioria também carrega consigo a identidade de ser favelado, marcada por um senso de pertença a um território acostumado a ressignificar seu espaço para suprir o que em outros é estabelecido. Esta dualidade de identidades, que coexistem no cotidiano do Jacarezinho, sustenta a necessidade de um olhar mais atento às favelas suburbanas, demonstrando que tais territórios possuem características que os tornam inconfundíveis dentro do contexto urbano carioca.

Quando Rocha (et al., 2022) se refere ao subúrbio carioca como uma "arma de potência social", um espaço de luta e devir, conclui-se que tal definição se aplica também a favela suburbana, exemplificado na vivência do Jacarezinho. Visto o desenvolvido no decorrer dos capítulos deste trabalho, principalmente quando analisado as potências e usos adotados pelos moradores para suprir a demandas locais que deveriam ser supridas pelo Estado, como atividades culturais, comércio, cursos e oficinas profissionalizantes, etc.

Em última análise, o estudo do Jacarezinho, dentro da perspectiva das favelas suburbanas, desafia as noções simplistas e estereotipadas que frequentemente são associadas a esses territórios, destacando a necessidade de políticas públicas que reconheçam e valorizem as especificidades desses espaços e de seus habitantes. É crucial que futuras intervenções urbanas e

sociais considerem as vozes e experiências dos moradores, promovendo um desenvolvimento mais inclusivo e equitativo para toda a cidade.

6.Referências Bibliográficas

ABREU, Jonas. **A invenção da favela industrial: pistas da história, memória e identidade do jacarezinho**. Revista Ambivalências, v. 8, n. 15, p. 262–300, 2020.

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana no Rio de Janeiro**. 1987.

_____. **Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro**. Espaço & Debates, São Paulo, n. 37, p. 34–46, 1994.

ALVES, Glória da Anunciação. **A mobilidade/imobilidade na produção do espaço metropolitano**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

ARAÚJO, Leila de Oliveira Lima. **Geografia da periferia urbana: lugar de múltiplas representações no entorno do trecho rodoviário Niterói-Manilha, BR 101**. 2014.

BRUM, Mario. **Cidade alta: história, memória e estigma de favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro**. Editora Ponteio-Dumará Distribuidora Ltda., 2016.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. São Paulo: FFLCH, 2013.

_____. **Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos**. Novos estudos CEBRAP, v. 39, nº1, 2020, p.19-36.

DA NÓBREGA FERNANDES, Nelson. **O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro, 1858–1945**. Apicuri, 2011.

DE OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues. **Informalidade Urbana, Classe Trabalhadora E Raça No Rio De Janeiro: A História Dos Censos De Favelas (1948–1960)** 1. Revista de História, n. 180, 2021.

DE SOUZA, Jailson et al. **As favelas como territórios de reinvenção da cidade**. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, n. 1, p. 115-126, 2013.

DOMINGUES, Álvaro. **Subúrbios e (sub) urbanos: o mal-estar da periferia ou a mistificação dos conceitos**. Geografia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 11, 2020

FERREIRA, Lohanne Fernanda Gonçalves. **Geografia e arte: uma análise da produção da representação da favela nas obras de Cândido Portinari**. Terr@ Plural, v. 11, n. 2, p. 304-326, 2017.

FIGUEIREDO, Charles Barros de. **O surgimento do gari comunitário: trajetórias de vida e trabalho de um novo trabalhador dentro do espaço da favela do Morro do Andaraí**. 2010. 228 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

GONÇALVES, Rafael Soares. **Favelas do Rio de Janeiro: História e Direito**. Rio de Janeiro: Pallas — Ed. PUC-Rio, 2013.

IGNÁCIO, Jocelene de Assis. **Doutores, mas não-cidadãos? trajetórias de vida de egressos do ensino superior, moradores da favela do Jacarezinho: Rio de Janeiro de 2000 a 2009**. 2011. 155 f. 2011. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social.

LEFEBVRE, Henri; À CIDADE, **O. Direito**. Tradução Rubens Eduardo Frias. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

LINS, A., **Ferrovia e segregação espacial no subúrbio: Quintino Bocaiuva, Rio de Janeiro**. Márcio Piñon de Oliveira e Nelson da Nóbrega Fernandes. (Org.), 150, 2010, p.138–160.

OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **150 anos de subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj/EdUFF, 2010.

OLIVEN, Ruben George. **Urbanização e mudança social no Brasil**. 2010.

PALLONE, Simone. Diferenciando subúrbio de periferia. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 2, p. 11–11, 2005.

PAULINO, Lucas Nascimento. **O processo de urbanização da favela do Jacarezinho, cidade do Rio de Janeiro: periferia, verticalização e território de risco**. 2017.

PERLMAN, Janice. **O mito da marginalidade. Favelas e política no Rio de Janeiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

PIMENTEL, Thiago Duarte; CARRIERI, Alexandre de Pádua. **A espacialidade na construção da identidade**. Cadernos EBAPE. Br, v. 9, p. 1-21, 2011.

RIBEIRO, Rodrigo Cunha Bertamé. **Rizomas suburbanos: possíveis ressignificações do topônimo subúrbio carioca através dos afetos**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2016.

ROCHA, Daniel Albuquerque; GONÇALVES, Rafael Soares. **História e memória de Guadalupe, um bairro do subúrbio carioca. Das explosões do paiol às intervenções da Fundação da Casa Popular**. Rio de Janeiro, 2022. 141p. Tese de Doutorado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças**. Boitempo Editorial, 2017.

_____. **História urbana: história na cidade.** Revista Cidade & Cidades: Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 1992.

SANTOS, Milton. **Milton Santos: o espaço da cidadania e outras reflexões.** Fundação Ulysses Guimarães, 2012.

SANTOS, Rafael Fernandes dos. **Situação atual e perspectivas de desenvolvimento da Área de Planejamento 3 da Cidade do Rio de Janeiro.** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Heitor Ney Mathias da. **As ruínas da cidade industrial: resistência e apropriação social do lugar.** Dissertação de Mestrado para Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. **Favelas: história e direito.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. **A política na favela.** Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 4, n. 4, 2011, p.699–716.

SOTO, William Héctor Gómez. **A cidade, o subúrbio e a periferia.** UNISIC. Rio Grande do Sul, 2008.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista.** Scripta Nova — Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, vol. XI, número 245 (11), 2007. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-24511.htm>>. Acesso em: 08 jul. 2011.

TANAKA, Giselle Megumi Martino. **Periferia: conceito, práticas e discursos; práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo.** 2006.

THIAGO, C. M. **Memória e trabalho no bairro do Jacaré — Rio de Janeiro.** Revista Morpheus — Estudos Interdisciplinares em Memória Social, [S. l.], v. 2, n. 3, 2014. Disponível em: <<http://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4100>> Acesso em: 19 jun. 2023.

TORRES, Pedro Henrique Campello. “ **Avenida Brasil-Tudo Passa Quem Não Viu? ”: formação e ocupação do subúrbio rodoviário no Rio de Janeiro (1930–1960).** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 20, p. 287–303, 2018.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A Invenção da Favela. Do mito de origem a favela.com.** Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VENTURA, Zuenir. **Cidade partida.** Companhia das Letras, 1994.

ZALUAR, Alba; RIBEIRO, Ana Paula Alves. **Teoria da eficácia coletiva e violência: o paradoxo do subúrbio carioca.** Novos estudos CEBRAP, p. 175-196, 2009.

7. Anexos

7.1. Primeira mensagem do Prefeito Prado Júnior, onde cita as favelas, ao jornal “O Paiz”, de 2 de junho de 1927.

8

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200

201

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216

217

218

219

220

221

222

223

224

225

226

227

228

229

230

231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249

250

251

252

253

254

255

256

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269

270

271

272

273

274

275

276

277

278

279

280

281

282

283

284

285

286

287

288

289

290

291

292

293

294

295

296

297

298

299

300

301

302

303

304

305

306

307

308

309

310

311

312

313

314

315

316

317

318

319

320

321

322

323

324

325

326

327

328

329

330

331

332

333

334

335

336

337

338

339

340

341

342

343

344

345

346

347

348

349

350

351

352

353

354

355

356

357

358

359

360

361

362

363

364

365

366

367

368

369

370

371

372

373

374

375

376

377

378

379

380

381

382

383

384

385

386

387

388

389

390

391

392

393

394

395

396

397

398

399

400

401

402

403

404

405

406

407

408

409

410

411

412

413

414

415

416

417

418

419

420

421

422

423

424

425

426

427

428

429

430

431

432

433

434

435

436

437

438

439

440

441

442

443

444

445

446

447

448

449

450

451

452

453

454

455

456

457

458

459

460

461

462

463

464

465

466

467

468

469

470

471

472

473

474

475

476

477

478

479

480

481

482

483

484

485

486

487

488

489

490

491

492

493

494

495

496

497

498

499

500

501

502

503

504

505

506

507

508

509

510

511

512

513

514

515

516

517

518

7.2. Gráficos Relatório LabJaca Cidade Integrada¹⁹

GRÁFICO 5

Você sabe se as autoridades do Estado se reúnem com os moradores para conversar sobre como melhorar o Cidade Integrada?

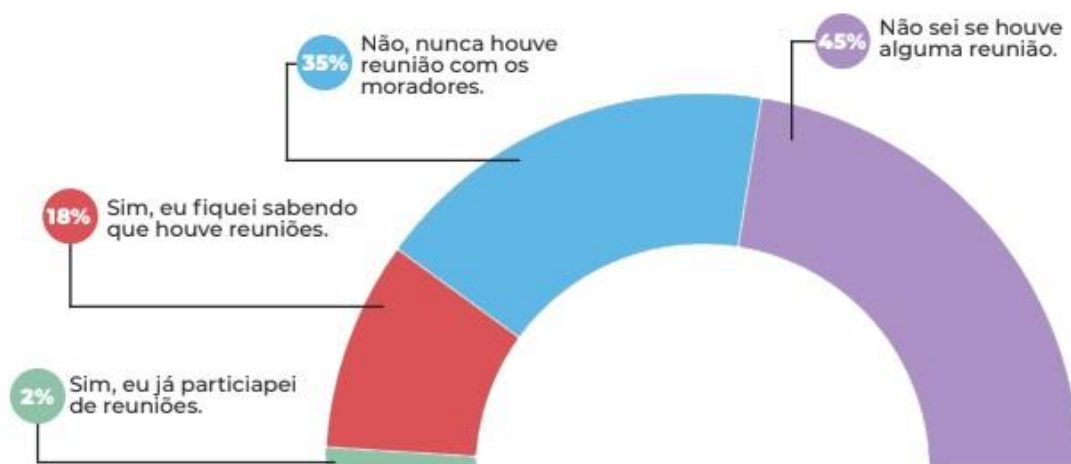


TABELA 1

Atividades de lazer prejudicadas em razão do Cidade Integrada

(número absoluto e percentual do total de respondentes)¹

Atividade de lazer prejudicada	Quantidade	Porcentagem
Festas na rua	207	53%
Festas dentro das casas	115	30%
Frequentar bares	178	46%
Crianças brincando na rua	194	50%
Conversar com amigos na rua	146	38%
Ir e voltar de eventos fora da comunidade	133	34%
Comércio local (compra e/ou venda)	99	26%
Futebol	7	2%

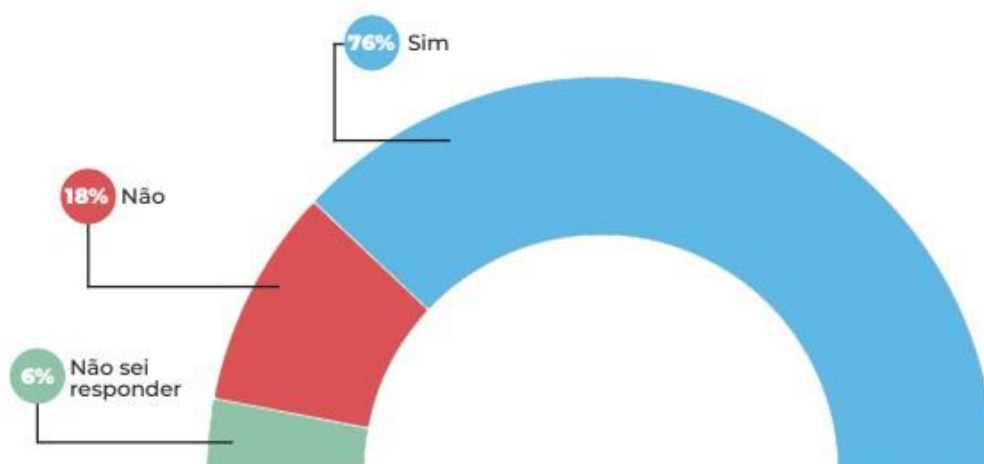
¹⁹ Gráficos retirados da avaliação sobre os impactos do programa Cidade Integrada produzido pelo Instituto LABJaca, Agosto de 2022. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1jCh1YskCPdYNzVB-AL8XIfgY2NikFORv/view>

GRÁFICO 2

Você se sente mais seguro com a presença de policiais na comunidade?

**GRÁFICO 3**

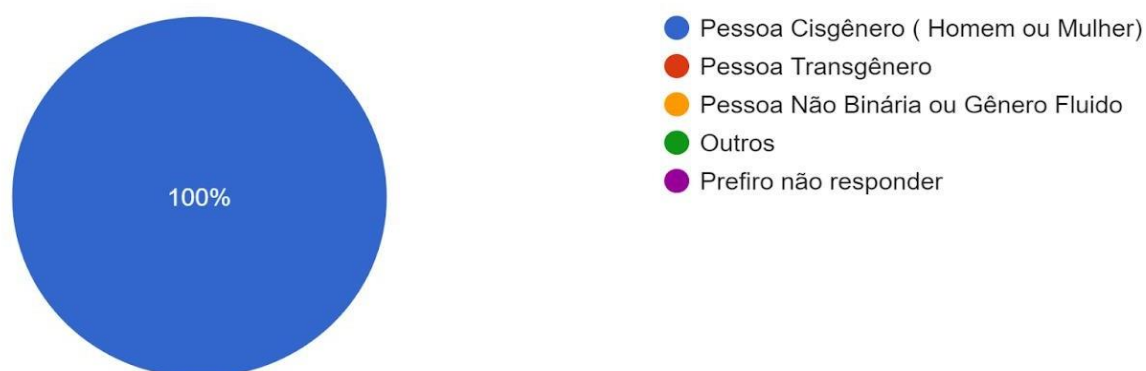
As opções de lazer na comunidade foram prejudicadas com o Cidade Integrada?



7.3.Dados demográficos dos moradores do Jacarezinho, entrevistas de maio a junho de 2024²⁰

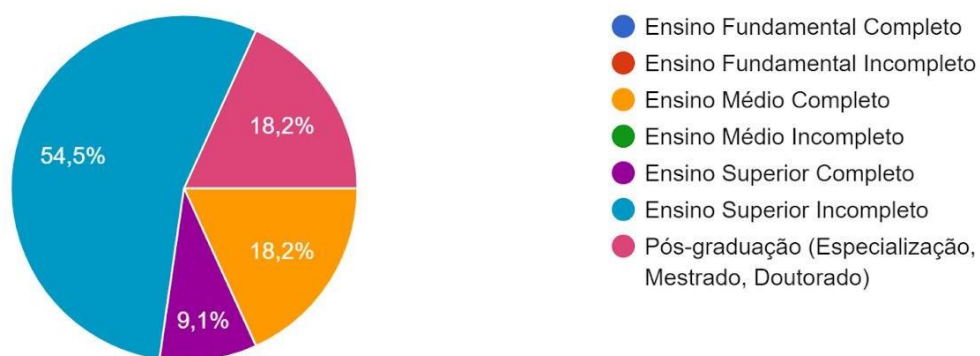
Como você se identifica em termos de gênero?

11 respostas



Escolaridade

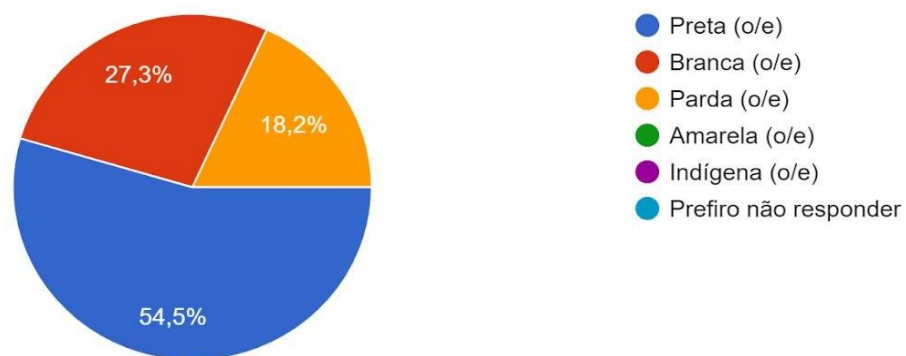
11 respostas



²⁰ Dados obtidos através das entrevistas realizadas com moradores do Jacarezinho entre maio e junho de 2024 para esta pesquisa

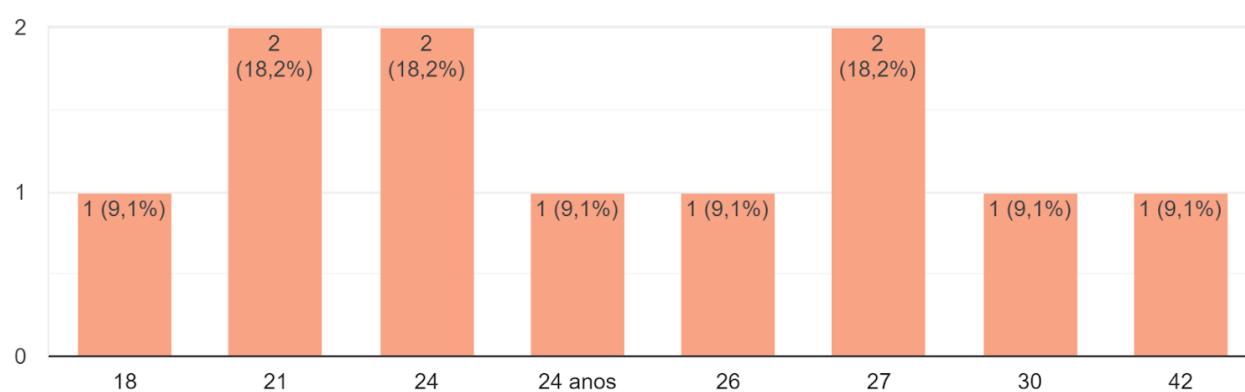
Como você se define em relação a cor/ raça ou etnia?

11 respostas



Idade

11 respostas



Qual a sua profissão?

Pedagogo e Gestor de Recursos Humanos

Assistente RH

Operadora de caixa

Estudante

Estudante

Técnica em Edificações Jr

Operador de Telemarketing Receptivo

Estudante/ estagiária

Atualmente desempregada

Agente de Saúde

Professora e produtora cultural

8. Apêndices

8.1. Roteiro nas entrevistas realizadas entre maio e junho de 2024 com moradores do Jacarezinho

- 1- Nome completo
- 2- Como você se identifica em termos de gênero?
- 3- Idade
- 4- Escolaridade
- 5- Qual a sua profissão?
- 6- Como você se define em relação a cor/ raça ou etnia?
- 7- Há quanto tempo mora no Jacarezinho?
- 8- Você considera que a favela do Jacarezinho mudou ao longo deste tempo? Porque?
- 9- Já morou em outras favelas do Rio de Janeiro?
- 10- Você trabalha ou estuda próximo ao Jacarezinho?
- 11- Quanto tempo leva para ir e voltar do local de trabalho ou estudo?
- 12- Você considera que existe bastante oferta de transporte para o trajeto do seu trabalho/estudo no Jacarezinho? Porque?
- 13- O que você costuma fazer no seu tempo de lazer?
- 14- É fácil ir e voltar do seu local de lazer durante os finais de semana ou no seu tempo livre?
- 15- Você acha que haveria alguma diferença no tempo que gasta se deslocando para seu lazer se morasse em outro bairro? Porque?
- 16- Você acha que haveria alguma diferença no tempo que gasta se deslocando para o trabalho ou estudo se morasse em outro bairro? Porque?
- 17- O que o Jacarezinho tem de diferente de outras favelas da cidade para você?
- 18- O que é subúrbio para você?
- 19- Você se considera suburbano (a/e)?
- 20- Você considera o Jacarezinho uma favela do subúrbio? Porque?
- 21- Você se identifica mais como morador do Jacarezinho, como morador do subúrbio ou os dois? Porque?